

de medicina, de etnografia, das ciências da religião, de psicaná-  
lise, de filosofia, e sobretudo de teologia. Trata-se de facto,  
de qualquer coisa que, na linguagem de Ricoeur, faz parte da consi-  
tação integral do homem. Assim, o pecado não é apenas um acto  
que não tem consequências para nós e nos mesmos  
este pecado é impossível que não se verifique o sentido do  
Por isso mesmo é impossível que não se verifique o sentido do  
pecado na consciência humana. O que pode verificar-se, porém, é  
que se trata de um acto que produz um verdadeiro dimensão

## O Pecado no pensamento e experiência de Francisco de Assis

O Oitavo Centenário do nascimento de S. Francisco de Assis prestou-se a uma reflexão séria sobre os mais diversos aspectos desta figura ímpar da hagiologia cristã. Entre esses vários aspectos aprofundados, não dei por nenhum que tratasse do pensamento do Santo Patriarca sobre o pecado. Todavia Francisco fala do pecado em todos os seus opúsculos. Refere-se a ele até no próprio Cântico das criaturas<sup>1</sup>. Pode mesmo dizer-se que não há qualquer dos seus escritos onde não aborde este problema.

Para além de ser um tema vivo na alma e coração de Francisco, considero que um estudo da visão do pecado neste gigante do cristianismo é muito oportuno neste momento.

Dirigindo-se ao Congresso catequético de Boston, em 1946, o Papa Pio XII lamenta que os homens do nosso tempo tenham perdido o sentido do pecado<sup>2</sup>. Igual afirmação vem sendo repetida a partir de um e outro quadrante. Os próprios Bispos Portugueses, na Instrução Pastoral sobre a disciplina Penitencial, de Fevereiro de 1982, a repetiram também<sup>3</sup>.

Penso porém que o problema não está propriamente no facto de se ter perdido o sentido do pecado. Efectivamente, pode dizer-se que nunca se falou tanto do pecado, como hoje. Fala-se dele, não apenas dentro, mas até fora da Igreja. Estuda-se o pecado, não só a nível de teologia, mas quase a todos os níveis do pensamento humano. Escreve-se do pecado a nível de cinema<sup>4</sup>, de literatura<sup>5</sup>,

<sup>1</sup> Francisco de Assis (S.), *Cântico do Irmão sol*, (Trad. Port.), em *Opúsculos de S. Francisco de Assis*, Braga, 1968, p. 141. Para a citação dos opúsculos de S. Francisco, usaremos sempre esta edição.

<sup>2</sup> Pio XII, *Mensagem ao Congresso Catequístico de Boston*, em *Ecclesia* 6 (1946), p. 8.

<sup>3</sup> *Instrução Pastoral sobre a disciplina penitencial*, em *Lumen* 43 (1982), p. 53.

<sup>4</sup> S. Canals, *El pecado en el cine*, Madrid, 1962; J. L. Duhomo, *Manifestaciones e interpretación del mal moral en el arte cinematográfico contemporáneo*, em *Concilium* 56 (1970), pp. 449-455; etc.

<sup>5</sup> C. Moeller, *Literatura del siglo XX y cristianismo*, Madrid 1955.

Publicação Quadrimestral

Edição e propriedade do Instituto de Ciências Humanas e Teológicas  
Largo de dr. Pedro Vitorino, 2 — (Telef. 24920) — 1000 Porto

Director: Manuel de Fátima Faria

	Assinatura anual
300200	Portugal
US \$ 14.00	Estrangeiro
	Fascículo avulso
120200	Portugal
US \$ 2.00	Estrangeiro

Tomo III — SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1982 — Fasc. 3

de medicina <sup>6</sup>, de etnografia <sup>7</sup>, das ciências da religião <sup>8</sup>, de psicanálise <sup>9</sup>, de filosofia <sup>10</sup> e sobretudo de teologia <sup>11</sup>. Trata-se, de facto, de qualquer coisa que, na linguagem de Ricoeur, faz parte da constituição íntima da realidade humana <sup>12</sup>. É o que já havia afirmado João: «Se dissermos que não temos pecados, enganamo-nos a nós mesmos e não há verdade em nós» (1 Jo 1, 8).

Por isso mesmo é impossível que não se verifique o sentido do pecado na consciência humana. O que pode verificar-se, porém, é que se tenha perdido o sentido profundo, a verdadeira dimensão do pecado e, muito particularmente, a sua dimensão religiosa.

Vem aqui a actualidade de um estudo desta realidade tão ligada ao homem. O Concílio designa-o como desequilíbrio fundamental ins-

talado no coração humano <sup>13</sup>, um dos grandes enigmas que, tanto ontem como hoje, afligem intimamente o espírito do homem <sup>14</sup>. É de facto uma realidade que há que conhecer nos seus meandros profundos. Assim se poderá entender melhor o homem. Não se trata, porém, apenas de conhecer o homem. Entender o pecado é entender também a história da salvação que não passa de uma tentativa constante de Deus para retirar o homem do seu pecado <sup>15</sup>. O mesmo se diga da Igreja, da qual diz o Vaticano II que, por sua mesma natureza, «contém pecadores no seu próprio seio» <sup>16</sup>. A própria obra redentora de Cristo, os sacramentos, nomeadamente o baptismo e penitência, a dinâmica penitencial do cristianismo, como é possível serem entendidas sem a visão exacta do pecado? A própria liturgia implica necessariamente esta visão do pecado para não se converter numa mera representação teatral, sem qualquer dimensão de profundidade. Que sentido pode ter uma invocação penitencial, como a do início da eucaristia: «Senhor, tende piedade de nós!», sem uma visão profunda do pecado?

Seria para lembrar aqui a afirmação conhecida de S. Kierkegaard: Só há duas coisas sérias: Deus e o pecado.

Tem interesse, pois, uma reflexão sobre o pecado, nomeadamente quando a Igreja se prepara para reflectir, no próximo Sínodo dos Bispos, sobre a penitência e a reconciliação <sup>17</sup>.

Interessa, por outro lado, uma tal reflexão a partir da visão de um homem como Francisco de Assis. Diz com efeito o Concílio, no «*Optatam Totius*», que os temas teológicos devem abordar-se sobretudo a partir do contacto vivo com o mistério de Cristo e com a história da salvação <sup>18</sup>. Acrescenta por seu lado a «*Dei Verbum*», do mesmo Concílio Vaticano II, que a Igreja transmite o que ela é e crê, não apenas na sua doutrina, mas também na sua vida e culto <sup>19</sup>. Interessa por isso, para entender esta realidade do pecado, que nos

<sup>6</sup> J. B. Torello, *Medicina y pecado*, Madrid, 1962.

<sup>7</sup> R. Mohr, *La ética cristiana a la luz de la etnología*, Madrid, 1962; J. Goetz, *Le péché chez les primitifs. Tabou et péché*, Tournai, 1960; etc.

<sup>8</sup> V. Palachkovski, *Le péché dans la théologie orthodoxe*, Tournai, 1960; B. Ghebardini, *El pecado en el pesimismo de la Reforma*, Madrid, etc.

<sup>9</sup> J. A. Garcia-Monge, *Culpabilidad psicológica y reconciliación sacramental*, *Sal Terrae* 62 (1974), pp. 170-179; J. B. Somoza, *El pecado y los maestros de la psicología del profundo*, em *Compostellanum* 9 (1964), pp. 5-72; L. Beinaert, *La teoría psicoanalítica y el mal moral*, em *Concilium* 56 (1970), pp. 364-375; P. Felici, *El pecado en el pansexualismo psicoanalítico*, Madrid, 1963; M. Oraisson, *Psicología y sentido del pecado*, Barcelona, 1970; J. B. Somoza, *Pecado y psicología actual*, em *Compostellanum* 9 (1964), pp. 207-260; etc., etc.

<sup>10</sup> A. Jagu, *Les philosophies grecs et le sens du péché*, Tournai, 1960; C. Lucena, *Pecado y plenitud humana?* Madrid, 1971; J. Nabert, *Essai sur le mal*, Paris, 1955; P. Ricoeur, *Finitud y culpabilidad*, Madrid, 1966; W. Post, *Teorías filosóficas sobre el mal* em *Concilium* 56 (1967), pp. 425-432; Varios, *El pecado en la filosofía moderna*, Madrid, 1963, T. Fornoville, *L'uomo peccatore. Libertá e fallibilitá*, em *Studia Moralia* 11 (1973), pp. 77-103; C. Fabro, *El problema del pecado en el existencialismo*, Madrid, 1963; etc.

<sup>11</sup> A. Peteiro, *Pecado y hombre actual*, Estella, 1972; J. Perarnau, *Aspectos actuales de la teología del pecado*, Madrid, 1969; A. Peteiro, *Hombre y pecado según la constitución «Gaudium et Spes»*, em *Miscelânea M. Cuervo Lopes*, (1970), pp. 341-343; C. Vogel, *El pecado y la penitencia*, Estella, 1966; J. M. Pohier, *La hermeneutica del pecado ante la ciencia, la técnica y la ética*, em *Concilium* 56 (1970), pp. 411-424; L. Monden, *Conciencia, libre albedrío, pecado*, Barcelona, 1968; B. Haering, *Pecado y secularización*, Madrid, 1974; E. Börkle, *El pecador y su pecado*, Salamanca, 1970; P. Schoonenberg, *El poder del pecado*, Buenos Aires, 1968; P. Delhay, *Le péché actuel*, em *Ami du Clergé* 68 (1958), pp. 713-718; 69 (1959) pp. 17-20; pp. 745-748; S. Lyonnet, *Péché*, Paris, 1966; E. Quarello, *L'Amore e il peccato*, Bologna, 1971; P. Schoonenberg, *El hombre en pecado*, em *Misterium Salutis*, Madrid, 1969; etc., etc.

<sup>12</sup> P. Ricoeur, *Finitude et culpabilité*, Paris, 1960, p. 21.

<sup>13</sup> *Gaudium et Spes*, n.º 10.

<sup>14</sup> *Nostra Aetate*, n.º 1.

<sup>15</sup> R. Koch, *Il peccato nel Vecchio Testamento*, 2 ed., Roma, 1974, p. 12.

<sup>16</sup> *Lumen Gentium*, n.º 8.

<sup>17</sup> João Paulo II, *Homilia em Fátima a 13 de Maio de 1982*, em *Discursos do Papa João Paulo II em Portugal*, Lisboa, 1982, p. 75.

<sup>18</sup> *Optatam Totius*, n.º 16.

<sup>19</sup> *Dei Verbum*, n.º 8.

atenhamos, não apenas à doutrina da Igreja, mas também nos metamos pela história da salvação dentro e nos ponhamos em contacto com homens que são o expoente mais alto da vida da Igreja e vejamos como eles viram e viveram esta realidade do pecado, para o entendermos melhor, com todo o alcance que tal visão pode dar-nos. H. V. Balthasar escreve que os santos são os grandes sinais que o Espírito de Deus põe ao longo do caminho da história para indicar à Igreja a estrada que sem eles ela teria grande dificuldade em encontrar e percorrer<sup>20</sup>. É por isso mesmo que consideramos de elevado interesse estudar o pensamento de Francisco sobre o pecado. Diz S. Boaventura a seu respeito: «Deus o escolheu como luz para os crentes a fim de que, convertido em testemunho da luz, preparasse para o Senhor o caminho da luz e da paz no coração dos fiéis»<sup>21</sup>.

Analisaremos, neste nosso estudo, quatro aspectos muito concretos: I. Fontes de inspiração da doutrina de Francisco sobre o pecado; II. Estrutura íntima do pecado; III. Dimensões do pecado na visão de Francisco; IV. Dimensão positiva presente na realidade do pecado.

## I

### Fontes de inspiração a doutrina de Francisco sobre o pecado

É o primeiro ponto da nossa investigação. Parece-me importante e necessário. Com efeito, há que saber dimensionar a visão do pecado em Francisco à luz das fontes que o moveram a falar dessa realidade. Só então teremos o seu verdadeiro pensamento.

Começo por sublinhar que Francisco não teve como fonte de inspiração, pelo menos directamente, qualquer escola teológica. Não é homem de escola. Na *Carta ao Capítulo Geral*, ele próprio se qualifica como «ignorante e sem letras»<sup>22</sup>. O mesmo vai repetindo

em diversos dos seus opúsculos<sup>23</sup>. Os seus estudos devem ter-se limitado a uma formação de base na Escola presbiteral de S. Jorge de Assis<sup>24</sup>. Era uma escola dependente do Cabido de S. Rufino onde se ensinava a ler e escrever. Davam-se umas noções de latim. O livro de base era o saltério. Além de ler, escrever e do latim, ensinavam-se também diversas orações, como o Pai nosso, o Credo, etc. e ainda as operações de cálculo. Tal formação, porém, deve ter sido concluída por volta dos 10 anos. Tinha por isso a cultura média que, naquela altura, era superior mesmo à de muitos membros do clero. Por isso mesmo pôde ser ordenado diácono<sup>25</sup>. Conhecia ainda bastante bem o francês. Sabemos que, quando pedia esmola, o fazia por vezes vezes nessa língua, gostando mesmo de usá-la<sup>26</sup>. Discutem os autores se a aprenderia com qualquer professor, a pedido e por encargo de seu pai, ou então a partir do contacto com os cavaleiros. O mais normal é que o tenha conseguido no convívio com o seu pai e, sobretudo, com a sua mãe, de origem francesa. Não era, porém, pessoa de cultura e estudo, como poderia ter sido se tivesse frequentado o célebre *trivium* e *quadrivium*. Nem sequer tinha qualquer género de cultura teológica de escola, não obstante a afirmação em contrário de Rogério de Wendover<sup>27</sup>. Ele mesmo se afirma «homem sem letras»<sup>28</sup>. Celano, seu primeiro biógrafo, põe na boca do Bispo de Terni estas palavras a respeito de Francisco: «Nestes últimos tempos, Deus iluminou a sua Igreja com este pobrezinho, desprezível e ignorante»<sup>29</sup>. Noutro lugar, o mesmo biógrafo refere o caso de os irmãos um dia terem aventado a hipótese de o retirar do governo da Ordem, pela sua falta de cultura. Não lhes convinha um homem «iletrado e desprezível»<sup>30</sup>. Iletrados eram considerados então os que não tinham frequentado qualquer universidade, não podendo por isso falar «bene et discrete»

<sup>23</sup> Idem, *Testamento*, o. c., p. 92; T. Da Celano, *Vita Seconda di San Francesco D'Assisi*, cap. 103, 141, em *Fonti Francescane*, Assisi, 1977, p. 66; Idem, cap. 78, n.º 102, p. 635; etc.

<sup>24</sup> P. Willibrord, *Rapports de Saint François d'Assisi avec le mouvement spirituel du XIIe siècle*, em *Etudes Franciscaines* 11 (1961), p. 137.

<sup>25</sup> T. Celano, *Vita Prima di San Francisco d'Assisi*, cap. 30, n. 86, o. c., p. 478.

<sup>26</sup> *Leggenda dei Tre Compagni*, cap. III, n.º 10, o. c., p. 1074.

<sup>27</sup> R. Di Wendover, *Chronica sive flores historiarum*, em *Testimonia minora saeculi XIII de S. Francisco Assisiensi*, vol. III, cap. I, Quaracchi, 1926, p. 26.

<sup>28</sup> Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 92.

<sup>29</sup> T. Celano *Vita seconda*, cap. 103 n.º 141 o. c. p. 666.

<sup>30</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 106, n.º 145, o. c., p. 669.

<sup>20</sup> H. U. V. Balthasar, *Thérèse de Lisieux*, Paris, 1973, p. 108.

<sup>21</sup> Boaventura, *Leggenda Maggiore*, n.º 1, em *Fonti Francescane*, vol. I, Assisi, 1977, p. 833. Para as Fontes Franciscanas, com excepção dos Opúsculos, usaremos sempre esta edição.

<sup>22</sup> Francisco (S.), *Carta ao Capítulo Geral e a todos os irmãos*, o. c., p. 113.

dos anjos, dos homens e dos demónios<sup>31</sup>. Tal falta de cultura teológica bem se revela quando ele fala, por exemplo, de temas como a eucaristia. Está longe de usar a terminologia que então era comum nas escolas de teologia<sup>32</sup>. Sem dúvida, não era homem de escola<sup>33</sup>. Segundo Sabatier, para ele, andar a polemizar sobre questões doutrinárias, era tempo perdido<sup>34</sup>.

Põe-se então naturalmente o problema: donde hauriu Francisco a sua riqueza de pensamento sobre o pecado? É o que vamos analisar. É um assunto que já tem sido pensado e investigado à luz das fontes franciscanas.

Penso podermos reduzir as fontes de inspiração de Francisco sobre o pecado nomeadamente a quatro: a sua experiência pessoal do pecado, a leitura das Divinas Escrituras, o ensinamento e a praxe da Igreja do seu tempo e, sobretudo, a iluminação do Espírito do Senhor. Aprofundemos um pouco cada uma delas, medindo o seu alcance.

1.<sup>a</sup> — *A experiência pessoal do pecado.* É claro que Francisco experimentou na sua vida a realidade do pecado. Ele declara-o expressamente no *Testamento*: «Quando eu estava em pecados, parecia-me extremamente amargo dar com os olhos nos leprosos<sup>35</sup>. Repetidamente, se vai qualificando como «mísero e pecador»<sup>36</sup>. Perante o Capítulo Geral, declara com humildade: «Confesso todos os meus pecados a Deus Pai e Filho e Espírito Santo, à Bemaventurada sempre Virgem Maria e a todos os santos do céu e da terra e ao Ministro Geral desta nossa Religião, meu venerável senhor, e a todos os sacerdotes da nossa Ordem e a todos os meus benditos irmãos. Pequei por minha grave culpa, em muitas coisas»<sup>37</sup>. Nem se pense que Francisco falava assim por falsa humildade. Francisco era acima de tudo um homem verdadeiro.

De resto, disto mesmo dão testemunho outras fontes franciscanas. Celano afirma na *Primeira Vida*: «Houve um homem na Cidade

de Assis, que fica nos confins do Vale de Espoleto, chamado Francisco. Desde os primeiros anos, foi criado por seus pais arrogantemente, no orgulho. Imitou-lhes, por muito tempo, o triste procedimento e tornou-se ainda mais frívolo e arrogante»<sup>38</sup>. E, um pouco depois: «Superou os jovens da sua idade nas frivolidades e apresentava-se generosamente um incitador para o mal e um rival em loucuras»<sup>39</sup>. E, mais adiante: «Quando este homem ainda se entregava febrilmente aos pecados, com calor juvenil e a sua idade inconstante o arrastava destemidamente ao cumprimento dos juramentos juvenis, sem saber controlar-se, incitado que era pela vaidade da velha serpente, desceu sobre ele a vingança divina»<sup>40</sup>. Na mesma linha, Celano vai repetindo: «Doíla-lhe ter pecado tão gravemente»<sup>41</sup>. «A consciência de pecador era nele muito viva»<sup>42</sup>. «Estava convencido de não passar de um vil pecador»<sup>43</sup>. Na *Legenda dos Três Companheiros*, fala-se veladamente de pecados carnis em que ele teria caído<sup>44</sup>. O próprio S. Boaventura não deixa de assinalar uma tal experiência do pecado na vida de Francisco<sup>45</sup>.

Francisco era uma pessoa normal, até na sua fragilidade. Por isso mesmo, na sua vida, está muito mais perto de cada um de nós do que poderia pensar-se.

É costume, neste capítulo, falar-se sobre quais os pecados em que teria caído Francisco. Os autores divergem bastante quando chegam a este capítulo. Há quem fale de abusos na comida e na bebida<sup>46</sup> de ambições seculares<sup>47</sup>, de prodigalidade exagerada<sup>48</sup>, de ostentação<sup>49</sup>, de luxúria e sensualidade<sup>50</sup>, etc., etc. Entretanto, partindo da forma

<sup>38</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 1, n.º 1, o. c., p. 411.

<sup>39</sup> Idem *Ibidem*, n.º 2, o. c., p. 412.

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem*, n.º 3, o. c., p. 413.

<sup>41</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 3, n.º 6, o. c., p. 417.

<sup>42</sup> Idem, *Vita secunda*, cap. 86, n.º 123, o. c., p. 653.

<sup>43</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 102, n.º 140, o. c., p. 665.

<sup>44</sup> *Leggenda dei Tre Compagni*, cap. IX, n.º 12 o. c., p. 1076.

<sup>45</sup> Boaventura (S.), *Leggenda Maggiore*, cap. 1, n.º 1, o. c., p. 839.

<sup>46</sup> H. Felder, *Los ideales de S. Francisco de Asís*, vol. I, Pamplona, 1926, p. 1.

<sup>47</sup> C. Brighton, *La mística di S. Francesco*, Milano, 1967, p. 17.

<sup>48</sup> E. Longpré, *Francesco d'Assisi e la sua esperienza spirituale*, Milano, 1970, p. 16.

<sup>49</sup> L. di Fonizio, *François d'Assise, Dictionnaire d'histoire et de géographie ecclesiastiques*, vol. I, n.º 18, p. 690.

<sup>50</sup> O. Englebert, *Vida de S. Francisco de Asís*, Santiago de Chile, 1973, p. 61.

<sup>31</sup> K. Esser, *Temí spirituali*, Milano, 1973, p. 234.

<sup>32</sup> B. Cornet, *Le «De reverentia Corporis Christi» Exhortation et le lettre de S. François*, em *Etudes Franciscaines* 6 (1955) p. 80.

<sup>33</sup> C. Andresen, *Franz von Assisi unde seine Frankheitem*, em *Wege zum Menschen* 6 (1954), p. 36.

<sup>34</sup> P. Sabatier, *Vita di S. Francesco*, Roma, 1896, p. 31.

<sup>35</sup> S. Francisco, *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>36</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 23, o. c., p. 66.

<sup>37</sup> *Carta ao Capítulo Geral e a todos os irmãos*, o. c., p. 113.

como ele começou a fazer penitência, reparando os pecados que fizera, parece que se deve ter tratado de pecados de egoísmo, ambições e luxos desmedidos, sem qualquer consideração pelo seu semelhante<sup>51</sup>. Uma tal experiência do pecado não pode ter deixado de pesar na sua alma sempre que falava do pecado.

Porém, não foi apenas esta sua experiência negativa a iluminá-lo. Há outras fontes de luz no seu pensamento.

2.<sup>a</sup> — *A leitura da Sagrada Escritura*. Francisco conhecia com bastante profundidade a Bíblia. Não se pode esquecer, como já dissemos acima, que o livro de texto na Escola de S. Jorge por ele frequentada, era o saltério. Por outro lado, sabe-se que ele frequentou também o priorado dos Monges Beneditinos do Monte Subásio, na rua de S. Paulo<sup>52</sup>. Revelam bem esse conhecimento da Bíblia as citações que aparecem nos seus breves opúsculos. São nada menos que 39 do Antigo e 200 do Novo Testamento. Conhecia a Bíblia e deixava-se iluminar por ela<sup>53</sup>. Estava convencido que ali era o Senhor a falar-lhe<sup>54</sup>. Sabatier diz-nos que ele via ali a presença real de Cristo<sup>55</sup>. De tal devoção à Bíblia dá testemunho o *Testamento* do Santo<sup>56</sup>. Por outro lado, não se limitava a lê-la. Celano diz-nos que ele não era um «ouvinte surdo», mas tudo imprimia na sua alma<sup>57</sup>. Ao mesmo tempo que lia, ia-se perguntando constantemente: Senhor, que queres que eu faça?<sup>58</sup>. Alimentava ali a sua conversão para Deus<sup>59</sup>. Ali ia à procura de Deus<sup>60</sup>. Era assim em relação a si próprio e dava o mesmo critério aos seus. Por isso, em dado momento, refere S. Boaventura que, havendo ali em casa apenas um exemplar único do Novo Testamento, fê-lo dividir, dando uma página a cada um dos irmãos, para que assim todos pudessem socorrer-se da palavra do

51 S. da Campagnola, *L'Angelo del sesto sigillo e l'alter Christus*, Roma, 1971, p. 59.

52 S. Piat, *Con Cristo povero e crocefisso*, vol. I, Milano, 1971, p. 53.

53 A. Van Corstanje, *I poveri, popolo eletto*, Milano, 1970, p. 24.

54 F. S. Toppi, *Francesco insegnaci a pregare*, Palermo, 1975, p. 25.

55 P. Sabatier, *Etudes inédites sur S. François d Assise*, Paris, 1932, p. 47.

56 Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 91.

57 T. Celano, *Vita Prima*, cap. 9, n.º 22, o. c., p. 429.

58 Idem, *Ibidem* p. II, cap. 2, n.º 92, o. c., p. 485.

59 Idem, *Vita Seconda*, cap. 71, n.º 105, o. c., p. 638.

60 *Ibidem*.

Senhor nas suas vidas<sup>61</sup>. Parte daqui a sua devoção aos teólogos e a todos os que nos ministram as palavras divinas, de que ele fala no *Testamento*<sup>62</sup>.

Sendo uma constante da sua vida esta devoção à palavra do Senhor, é natural que uma tal leitura tenha concorrido sobremaneira para o seu conceito do pecado. Bem o revelam os seus opúsculos que, ao falarem do pecado, nos oferecem constantemente citações da Sagrada Escritura<sup>63</sup>.

Mas, junto à Sagrada Escritura, temos de sublinhar outra fonte importante.

3.<sup>a</sup> — *O ensinamento e a praxe da Igreja do tempo de Francisco*. É bem sabido que Francisco fez questão de manter sempre uma adesão firme à Igreja Romana e ao seu magistério. Pululavam por aquele tempo movimentos de renovação do mesmo estilo daquele de Francisco. Eram nomeadamente os albigenses, cátaros, valdenses, etc. Com base na situação bastante degradada da Igreja, apelavam para o Evangelho, para a sua pureza e combatiam ao mesmo tempo a Igreja institucional. Francisco não aceitou essa dinâmica, muito embora professasse o mesmo programa de pureza evangélica. Nisso se distingue deles<sup>64</sup>. Chesterton designa-o por isso como «homem católico» afirmando expressamente «Ubi Petrus, ibi Franciscus»<sup>65</sup>. É uma atitude que aparece, aqui e além, numa constante, em todos os seus escritos. A obediência e reverência ao Senhor Papa aparece, numa e outra regra, logo no início, como qualquer coisa fundamental<sup>66</sup>. Deixou medidas rigoríssimas no *Testamento* contra aqueles que não quisessem obedecer à Igreja<sup>67</sup>. No *Testamento* de Sena, que compusera algum tempo antes da sua morte, uma das três recomendações que deixava aos seus era que os irmãos fossem sempre submissos aos

61 S. Boaventura, *Epistola de tribus quaestionibus*, em *Opera Omnia*, vol. VIII, Quaracchi, 1898, p. 334.

62 Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 91.

63 Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 2, o. c., p. 18; *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 5, o. c., p. 41; cap. 9, o. c., p. 49; cap. 11, o. c., p. 51; cap. 12, o. c., p. 52; cap. 21, o. c., p. 60; cap. 22, o. c., p. 61; *Segunda Regra dos Frades Menores*, cap. 2, o. c., p. 74; cap. 10, o. c., p. 80; *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 102; etc., etc.

64 K. Esser, *Temi Spirituali*, Milano, 1973, p. 149.

65 G. K. Chesterton, *San Francesco d'Assisi*, Monza, 1950, p. 171.

66 Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 1, o. c., p. 36; *Segunda Regra dos Frades Menores*, cap. 1, o. c., p. 72.

67 Idem, *Testamento*, o. c., p. 93.

Prelados e aos clérigos da Santa Madre Igreja<sup>68</sup>. Para garantir uma tal fidelidade à Igreja, pediu à Santa Sé o Cardeal protector da Ordem, dando origem a um instituto que se havia de manter até ao nosso tempo<sup>69</sup>. Manda expressamente aos seus que sejam católicos<sup>70</sup>. Vem daqui a atenção que prestava aos sacerdotes da Igreja, a quem ele quer temer, amar e honrar<sup>71</sup>. Não lhe bastava ouvir a Bíblia. A Igreja, pelos seus sacerdotes, devia explanar-lhe o seu conteúdo. Só depois a leitura bíblica era decisiva. Bem o demonstra o facto ocorrido na célebre festa de S. Matias quando, depois de ouvir o Evangelho, se decidiu pela vida evangélica. Só após ter ouvido a explicação que pediu e lhe deu o sacerdote que havia celebrado a eucaristia, a opção foi decisiva<sup>72</sup>. Da sua adesão à Igreja, fala bem alto o facto de ele não ter hesitado em despojar-se dos seus próprios vestidos e ficar completamente nu, quando o Bispo de Assis lhe mandou restituir ao pai o que lhe pertencia. Era radical na sua obediência à Igreja e a quem a representava para ele. Referindo-se, por isso, às palavras de orientação que lhe dera o bispo de Assis, fala das palavras que o Senhor colocou para ele na boca do Bispo de Assis<sup>73</sup>. O Papa Honório III escrevia, por aquele tempo, aos Bispos da França que desconfiavam de todos os que se apresentavam como membros de movimentos de renovação evangélica. Sossegou-os, o Papa dizendo, a respeito dos Frades Menores, que eles eram filhos especialmente amados da Igreja Romana e verdadeiramente católicos<sup>74</sup>. A Igreja e tudo o que ela determinava era a norma que apontava sempre Francisco, em qualquer circunstância<sup>75</sup>.

Sendo assim, facilmente se compreende que tudo o que Francisco vai dizendo sobre o pecado repete o que então ensinava e propunha a Igreja, ao falar deste tema teológico. Sobretudo deve ter influenciado grandemente nele a doutrina e a forma de falar do IV Concílio de

Latrão, onde o Santo possivelmente deve ter estado<sup>76</sup>, juntamente com S. Domingos de Gusmão<sup>77</sup>.

Entretanto, há que ter presente que a Igreja não fala apenas nos seus documentos do magistério. Fala na sua liturgia, nas celebrações, no combate às heresias, no drama sagrado, tanto em voga naquele tempo, na arte sacra que adornava os templos e lugares de oração centrada quase exclusivamente em motivos bíblicos, sob a influência predominantemente monacal do tempo, nas decorações em geral e sobretudo na forma de conduzir a vida cristã. É aqui principalmente, na forma como o povo cristão vivia a sua fé, sob a influência marcante da espiritualidade monacal, nomeadamente da reforma de Cister, que enchia toda a Itália de S. Francisco<sup>78</sup>, que ele vai beber grande parte do seu pensamento sobre o pecado.

Francisco, porém, teve ainda uma outra fonte de inspiração que muito o orientou certamente, neste e noutros capítulos do seu pensamento e acção.

4.º — *O espírito do Senhor e a Sua santa operação*. S. Paulo fala do pecado como de um mistério, «misterium iniquitatis» (2 Tes. 2, 7). Como mistério, rigorosamente, só à luz de Deus se pode entender. O próprio Lutero afirmava que só pela fé se pode atingir o sentido do pecado. Por isso mesmo, facilmente pode compreender-se que o Espírito do Senhor tenha influenciado profundamente Francisco, na sua visão do pecado. O Espírito Santo, com efeito, tem a missão de nos guiar para a verdade total (Jo 16, 13).

Isto é tanto mais certo em Francisco, quanto é evidente a abertura que o Santo Patriarca vivia em relação ao Espírito do Senhor. Nem admira uma tal devoção, se tivermos em conta que ela é muito própria dos tempos de S. Francisco. Falava-se então da terceira idade da Igreja, que seria a Idade do Espírito Santo. Vem daquele tempo, como bem sabemos, a sequência belíssima, ainda hoje usada na liturgia: «*Veni Sancte Spiritus*». Foi o Papa Inocêncio III quem a introduziu na liturgia. Todos os movimentos evangélicos de renovação faziam apelo ao Espírito Santo<sup>79</sup>.

<sup>76</sup> P. Willibrord, *Rapports de Saint François d'Assise avec le mouvement spirituel du XII<sup>e</sup> siècle*, em *Etudes Franciscaines* 11 (1961), p. 140.

<sup>77</sup> S. Attal, *San Francesco d'Assisi*, Livorno, 1930, p. 252.

<sup>78</sup> E. d'Ascoli, *La vita spirituale anteriore a San Francesco di Assisi*, em *Collec-tânea Franciscana*, 2 (1932), p. 177.

<sup>79</sup> P. Dallari, *Dottrina e spirito di Francesco d'Assisi*, Milano, 1974, p. 65.

<sup>68</sup> Idem, *Testamento de S. Francisco de Abril de 1226*, o. c., p. 88.

<sup>69</sup> Idem, *Segunda Regra dos Frades Menores*, cap. 12, o. c., p. 81.

<sup>70</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 19, o. c., p. 58.

<sup>71</sup> Idem, *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>72</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 9, n.º 22, o. c., p. 428.

<sup>73</sup> *Specchio di Perfezione*, n.º 10, o. c., p. 1317.

<sup>74</sup> *Bullarium Franciscanum*, vol. I, Romae, 1759, p. 5.

<sup>75</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra*, cap. 17, o. c., p. 55; *Segunda Regra*, cap. 93, o. c., p. 74; *Carta a todos os clérigos sobre a reverência ao Corpo do Senhor e o asseio do altar*, o. c., p. 120; *Testamento*, o. c., p. 90; etc., etc.

Uma tal devoção de Francisco ao Espírito do Senhor aparece constantemente nos seus escritos. Ele tem a sua morada no nosso coração<sup>80</sup>. Ele é quem lhe manda os irmãos que pedem para entrar na Ordem<sup>81</sup>. Ele guia os que desejam ir para as missões<sup>82</sup>. Ele os orienta na distribuição dos bens pelos pobres, quando entram na Ordem<sup>83</sup>. Foi ele quem o levou para o meio dos leprosos<sup>84</sup>. Ele lhe dá uma fé viva nos sacerdotes<sup>85</sup>. Ele lhe revela a saudação que os irmãos devem usar<sup>86</sup>. Ele lhe ditou a Regra que compôs para os irmãos<sup>87</sup>. Ele quer que os irmãos tenham a carne mortificada<sup>88</sup>. Ele leva os irmãos simples ao conhecimento das realidades do Espírito<sup>89</sup>. Por isso Francisco quer que os irmãos ponham acima de tudo o Espírito do Senhor e a sua santa operação<sup>90</sup>.

Deste modo, se compreende o que diz Celano quando afirma que o santo era guiado sobretudo pela sabedoria que vem do alto<sup>91</sup>. Diz que o Espírito Santo o visitava e o ensinava<sup>92</sup>. S. Boaventura afirma igualmente que o Espírito do Senhor o dirigia e assistia<sup>93</sup>.

Não se pode esquecer que Francisco teve vários desgostos com que morreu<sup>94</sup>. Entre estes, está o facto de ele ter querido escrever na Regra que o Espírito Santo é o verdadeiro Superior Geral da sua Ordem<sup>95</sup>.

Sendo Francisco um homem desse modo e em tal medida aberto à acção e iluminação do Espírito do Senhor, foi certamente também esse mesmo Espírito quem o levou a entender o mistério do pecado. A Ele pois temos que estar atentos ao dar pela profundidade da visão

<sup>80</sup> Francisco (S.), *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 103.

<sup>81</sup> Idem, *Primeira Regra*, cap. 2, o. c., p. 37.

<sup>82</sup> Idem, *Segunda Regra*, cap. 16, o. c., p. 53; *Segunda Regra*, cap. 12, o. c., p. 81.

<sup>83</sup> Idem, *Segunda Regra*, cap. 2, o. c., p. 73.

<sup>84</sup> Idem, *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>85</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>86</sup> Idem, *Ibidem*, p. 92.

<sup>87</sup> Idem, *Ibidem*, p. 91.

<sup>88</sup> Idem, *Primeira Regra*, cap. 17, o. c., p. 57.

<sup>89</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 144, n.º 192, o. c., p. 706.

<sup>90</sup> Francisco (S.), *Segunda Regra*, cap. 10, o. c., p. 80.

<sup>91</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 70, n.º 104, o. c., p. 637.

<sup>92</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 5, n.º 9, o. c., p. 560.

<sup>93</sup> Boaventura, (S.), *Leggenda Maggiore*, cap. 8, n.º 3, o. c., p. 901.

<sup>94</sup> L. Iriarte, *Lo que San Francisco hubiera querido decir en la Regla*, em *Estudios Franciscanos* 77 (1976), p. 389.

<sup>95</sup> T. Celano, *Vita seconda*, cap. 145, n.º 193, o. c., p. 707.

do pecado no pensamento de Francisco. Foi o grande mestre que o ensinou.

Concluindo, pois, podemos dizer que foi a experiência pessoal, a leitura bíblica, o ensinamento e praxe da Igreja do seu tempo e, sobretudo, a iluminação do Espírito do Senhor que levou Francisco a entender o mistério do pecado. Sabendo isto, temos agora de ver qual a natureza íntima do pecado intuída por Francisco, qual a estrutura desta realidade tenebrosa que tenta sempre instalar-se no coração do homem. É o que vamos fazer no capítulo seguinte.

## II

### Natureza e estrutura do pecado na visão de S. Francisco

Francisco não nos oferece propriamente uma noção estruturada do pecado e muito menos uma exposição sistemática, à maneira de qualquer teólogo de escola. Já dissemos que Francisco não é homem de escola. Por isso mesmo temos de deprender o seu pensamento sobre o pecado, socorrendo-nos de vários elementos que vão ocupar a nossa investigação no presente capítulo. Falaremos dos nomes com que ele designa o pecado, dos aspectos que mais sublinha, ao falar do pecado, da necessidade que ele vê da intervenção da vontade livre do homem para se verificar o pecado, da génese do pecado e, finalmente, da extinção do pecado e suas condições. Considerados cada um destes aspectos, poderemos aproximar-nos possivelmente do conceito que Francisco tinha da natureza do pecado.

1. — *Nomes com que Francisco designa o pecado.* Francisco não designa o pecado sempre com o mesmo nome. Serve-se para isso dos mais diversos termos. Proceda assim porque vê certamente que a sua realidade não cabe suficientemente em qualquer deles. É o mesmo que sucede na própria Bíblia, onde a realidade do pecado vem apontada com os mais diversos nomes, cada um dos quais é uma espécie de mosaico diferente que, no conjunto, nos dá uma visão aproximada da realidade do pecado<sup>96</sup>. Pena é que os tradutores do texto sagrado para as nossas línguas vulgares não tenham o cuidado de verter esses mesmos nomes, pois, desse modo, dar-nos-iam uma noção mais aproximada daquilo que Deus pensa do pecado, em termos de

<sup>96</sup> K. Roch, o. c., p. 13.

revelação. Pois o que sucede na Bíblia, tem lugar também em S. Francisco, nos seus escritos. Desta forma, para além do nome de pecado, que aparece também<sup>97</sup>, ele dá-lhe o nome de delito<sup>98</sup>, doença<sup>99</sup>, cegueira<sup>100</sup>, falta<sup>101</sup>, negligência<sup>102</sup>, mal<sup>103</sup>, desobediência<sup>104</sup>, imundície<sup>105</sup>, podridão<sup>106</sup>, vício<sup>107</sup>, engano<sup>108</sup>, etc. É bom não esquecer esta gama de nomes com que Francisco designa o pecado e ter presente o sentido de cada um deles para vermos o que o santo pensa do pecado em si mesmo.

Mas, passemos a outro elemento importante nesta análise ao pensamento de Francisco sobre o pecado.

## 2. — Aspectos do pecado mais sublinhados por Francisco na sua visão do pecado.

Também este elemento deve contar. Ele pode dar-nos o sentido profundo do santo na visão do pecado. Poderíamos lembrar vários desses aspectos. Vou apontar apenas dois que ocorrem com maior frequência. São eles, a atitude de apropriação e a atitude de desobediência.

a) *Atitude de apropriação.* O pecado é para Francisco, antes de mais, uma apropriação. É certamente o aspecto do pecado em que Francisco mais insiste. Procedente de uma família abastada, Francisco viu, nomeadamente na pessoa do seu pai, o que era o pecado em forma de ganância, desejo de possuir, de ambição. Ele mesmo teria sido vítima do pecado nessa forma, como já vimos, entregando-

<sup>97</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 11, o. c., p. 26; *Ibidem*, n.º 26, o. c., p. 32; *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 5, o. c., p. 41; *Ibidem*, cap. 13, o. c. p. 52; etc., etc.

<sup>98</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 5, o. c., p. 41; etc.

<sup>99</sup> Idem, *Carta ao Capítulo Geral*, o. c., p. 113; etc.

<sup>100</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 8, o. c., p. 46; etc.

<sup>101</sup> Idem, *Carta a todos os Cristãos*, o. c., p. 106; etc.

<sup>102</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 3, o. c., p. 39; etc.

<sup>103</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 5, o. c., p. 43; etc.

<sup>104</sup> Idem, *Ibidem*, etc.

<sup>105</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 22, o. c., p. 61; *Ibidem*, cap. 23, o. c., p. 68; *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 101; etc.

<sup>106</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 103; etc.

<sup>107</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 5, o. c., p. 23; *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 17, o. c., p. 56; *Ibidem*, cap. 22, o. c., p. 61; etc.

<sup>108</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 105; etc.

-se a ambições, luxo, sumptuosidade. Pode muito bem estar aqui, nesta sua experiência, a origem de ele marcar, com repetida insistência, esta faceta do pecado.

Deste modo, considera o pecado como apropriação da vontade pessoal, do seu próprio eu. Diz o santo, nas *Palavras de Exortação*: «Come do fruto da árvore da ciência do bem e do mal quem se faz dono da sua vontade e se ensoberbece com os bens que o Senhor por meio dele diz ou faz»<sup>109</sup>. Para Francisco, Deus é sobretudo o Senhor, o único Senhor. Pretender apropriar-se, fazer-se senhor, é destronar a Deus, colocar-se no lugar dele.

Outra forma de apropriação consiste em fazermo-nos donos dos dons que Deus porventura nos concedeu. No mesmo opúsculo das *Palavras de Exortação* que, pela sua importância, alguém designa como o sermão da montanha de S. Francisco<sup>110</sup>, diz o Santo: «Bemaventurado o servo que atribui os seus dons ao Senhor Deus, porque aquele que reserva para si alguma coisa, esconde dentro de si o dinheiro do seu Senhor e, portanto, o que julga possuir, ser-lhe-á tirado»<sup>111</sup>.

Uma nova forma de apropriação, que ele vê na perspectiva do pecado, é o homem fazer seus os direitos que competem unicamente a Deus. O santo sublinha particularmente o direito de julgar ou condenar os outros. Assim se exprime, no mesmo Opúsculo que vimos citando: «Seja qual for o pecado cometido por alguém, se o servo de Deus se perturba e indigna, por outro motivo que não seja a caridade, entesoira para si aquele pecado»<sup>112</sup>.

Há ainda uma outra apropriação para Francisco que, no seu pensamento, reveste o carácter de blasfémia. É pretender apropriar-se do bem que Deus fez a outrem, atitude que se verifica especialmente com a inveja. Diz ele: «Todo o que tiver inveja do seu irmão, pelo bem que o Senhor diz ou faz por meio dele, comete pecado de blasfémia, pois tem inveja do mesmo Altíssimo que é quem diz e faz tudo o que é bem»<sup>113</sup>.

Vê ainda como forma pecaminosa de apropriação, considerar seu o bem que cada um faz, usando desse bem para enriquecimento próprio. O Santo aplica-o muito particularmente aos que ensinam

<sup>109</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 2, o. c., p. 20.

<sup>110</sup> S. Piat, o. c., p. 425.

<sup>111</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 19, o. c., p. 29.

<sup>112</sup> Idem, *Ibidem*, n.º 11, o. c., p. 26.

<sup>113</sup> Idem, *Ibidem*, n.º 8, o. c., p. 25.

aos outros, nomeadamente a Teologia, a Sagrada Escritura. Eram as ciências propriamente ditas no seu tempo. Havia muitos que as estudavam para serem considerados sábios, para fins lucrativos, para ocuparem cargos ou postos de importância na Igreja<sup>114</sup>. Afirmava Francisco: «A letra mata, só o espírito dá vida. A letra mata os que se contentam com aprender palavras para serem tidos, entre os outros, por mais sábios e poderem adquirir grandes riquezas e dá-las aos parentes e amigos. A letra mata aqueles religiosos que, em vez de seguirem as divinas Escrituras, só cuidam de lhes aprender as palavras para as ensinar aos outros<sup>115</sup>.

É na mesma linha que ele considera a apropriação, por parte dos irmãos, do cargo ou ofício de superior: «Ai do religioso que, uma vez posto pelos outros em dignidade, nas alturas, depois, por sua vontade, não quer descer»<sup>116</sup>.

Coloca, em idêntica situação de apropriação pecaminosa, o andar à procura de aplausos: «Ai do religioso que não guarda em segredo, no coração, o bem que Deus lhe faz e, em vez de deixar que os outros em suas obras o vejam, por si lho apregoa, para deles haver aplausos»<sup>117</sup>.

É curioso e interessante que vê nessa mesma linha o apropriar-se das boas obras dos santos, para disso nos gloriarmos e envaidecermos: «Deveríamos ter vergonha, nós os servos de Deus: que os santos tenham praticado boas obras e nós, só de contar e pregar o que eles fizeram, já daí queremos receber honra e glória»<sup>118</sup>.

Poderíamos citar ainda todas as passagens dos Escritos de Francisco onde ele fala da pobreza e lhe dá o primado na sua espiritualidade. De facto, a pobreza, livremente acolhida e amada como esposa, à maneira de Francisco, é o polo oposto ao pecado. Por isso Francisco impunha a todo o irmão, por rico que ele fosse, como primeira condição para se agregar aos penitentes de Assis, a renúncia a tudo quanto tinha<sup>119</sup>. Dirá ele no *Testamento*, pouco antes de morrer, ao

recordar os primórdios da sua Ordem: «E aqueles que vinham a viver esta vida, davam aos pobres tudo o que possuíam»<sup>120</sup>. A pobreza era o seu grande tesouro, como dirá S. Boaventura<sup>121</sup>. A norma do santo era sempre o renegar-se a si mesmo<sup>122</sup>. Não pretender ser senhor.

É curioso notar que se trata exactamente de um aspecto do pecado de sentido profundamente bíblico. Na descrição paradigmática do pecado, presente na narração do primeiro pecado, no Génesis, tal aspecto é profundamente marcante. Adão e Eva podiam comer do fruto de todas as árvores do jardim. Havia apenas uma árvore cuja propriedade o Senhor se reservara: «Quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis» (Gen. 3, 3). O pecado deu-se quando Adão e Eva quiseram fazer-se senhores, apropriar-se também daquela árvore, invadindo a propriedade do Senhor. O pecado é sempre e só isso: invadir a propriedade do Senhor, tornando-nos senhores, em vez dele. O mesmo aparece na descrição da Torre de Babel (Gén. 11, 4), etc.

Não deixa de ser igualmente interessante verificar que grande parte dos pensadores contemporâneos vão também na linha apontada por Francisco. F. Nietzsche fala das coisas possuídas como de qualquer coisa que retira ao homem a sua liberdade. Só pela pobreza, diz ele, se chega ao super-homem<sup>123</sup>. E. Mounier diz que o reino do possuir é o reino da cegueira<sup>124</sup>. E. Fromm refere-se ao possuir como ameaça à própria identidade<sup>125</sup>. G. Marcel propõe o possuir, o ter, como o grande risco do ser, da coisificação do homem<sup>126</sup>. K. Marx aponta o dinheiro e tudo o que se possui como o grande preversor da beleza, da verdade, da nobreza, da juventude, da valentia, da fidelidade, da virtude, do amor, do entendimento<sup>127</sup>.

A convergência da revelação, dos santos e dos homens de pensamento é elemento curioso a não esquecer.

<sup>114</sup> Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 91.

<sup>121</sup> Boaventura (S.), *Leggenda Maggiore*, cap. 2, n.º 1, o. c., p. 845.

<sup>122</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 3, o. c., p. 20.

<sup>123</sup> F. Nietzsche, *Así habló Zaratustra*, Barcelona, 1966, p. 49.

<sup>124</sup> E. Mounier, *Le personalisme*, Paris, 1949, p. 57.

<sup>125</sup> E. Fromm, *Tener o ser?*, Madrid, 1979, p. 143.

<sup>126</sup> G. Marcel, *Être et avoir*, Aubier, 1933, p. 230.

<sup>127</sup> K. Marx, *Manuscritos: economia y filosofía*, Madrid, 1972, pp. 178-179.

<sup>114</sup> K. Esser, *As exortações de S. Francisco*, Braga, 1976, p. 110.

<sup>115</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 7, o. c., p. 24.

<sup>116</sup> Idem, *Ibidem*, n.º 20, o. c., p. 30.

<sup>117</sup> Idem, *Ibidem*, n.º 22, o. c., p. 31.

<sup>118</sup> Francisco (S.) *Palavra de Exortação* n.º 6 o. c., p. 24.

<sup>119</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 2, o. c., p. 37; *Segunda Regra*, cap. 2, o. c., p. 73; T. Celano, *Vita Prima*, cap. 10, n.º 24, o. c., p. 431; Boaventura (S.), *Leggenda Maggiore*, cap. 3, o. c., p. 853; etc., etc.

Mas há um outro aspecto que Francisco sublinha muito especialmente, nesta sua visão do pecado.

b) *Atitude de desobediência.* O pecado, para Francisco, quase se identifica e define pela desobediência. Pecar é desobedecer. Diz ele nas *Palavras de Exortação*: «Podia Adão comer de todas as árvores do paraíso; e enquanto não foi contra a obediência, não pecou»<sup>128</sup>.

Dada esta ligação do pecado à desobediência, são marcadamente severos os termos com que a ela se refere. Diz Francisco, na Carta endereçada ao Capítulo Geral: «Aqueles irmãos que não quiserem observar estas coisas, não os tenho por católicos nem por meus irmãos e não os quero ver nem falar-lhes, até que façam penitência»<sup>129</sup>.

Na mesma linha, considera a desobediência um caminho de perdição. Assim se exprime, nas *Palavras de Exortação*: «Muitos religiosos há que, a pretexto de terem descoberto coisas melhores que aquelas que os superiores mandam, olham para trás e tornam ao vômito da própria vontade. Esses tais são homicidas porque, com o seu mau exemplo, levam muitas almas à perdição»<sup>130</sup>.

A um dos irmãos que descuidava a obediência, disse ele um dia: «Meu irmão, eu vi um diabo às costas de um desobediente, a apertar-lhe o pescoço»<sup>131</sup>.

Por isso mesmo, a norma fundamental era a obediência, não propriamente e apenas aos superiores, mas a obediência de uns aos outros. Essa, diz ele, «é a verdadeira e santa obediência de Nosso Senhor Jesus Cristo»<sup>132</sup>.

É claro que esta visão da desobediência, em relação com a essência do pecado, supõe que o Santo Patriarca vê sempre na obediência um seguir e secundar a vontade de Deus. A obediência, para Francisco, tem sempre uma relação com Deus. Há o dever de obedecer ao Superior, porque ele tem unicamente a missão de nos apontar a vontade de Deus. Caso contrário, Francisco não aceita a obediência. Diz ele expressamente: «Se algum dos Ministros mandar a um irmão coisa contrária à nossa vida ou à sua alma, o irmão não está obri-

<sup>128</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 2, o. c., p. 20.

<sup>129</sup> Idem, *Carta ao Capítulo Geral*, o. c., p. 114.

<sup>130</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 3, o. c., p. 21.

<sup>131</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 6, n.º 34, o. c., p. 581.

<sup>132</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 5, o. c., p. 43.

gado a obedecer»<sup>133</sup>. A desobediência está ligada essencialmente ao pecado, porque todo ele é um opôr-se ao querer de Deus.

Também aqui Francisco continua a mover-se absolutamente dentro das categorias da revelação. Também na Bíblia, o pecado se identifica com a desobediência. Bastaria recordarmos o modelo bíblico, quimicamente puro do pecado, que encontramos na descrição do primeiro pecado. Ali, o pecado aparece simplesmente como desobediência a Deus. Disse Deus, falando a Adão depois do pecado: «Porque ouviste as palavras da tua mulher e comeste o fruto da árvore a respeito da qual eu te havia ordenado: Nunca deveis comer o fruto desta árvore, maldita seja a terra por tua causa» (Gen. 3, 17). Os mesmos termos com que o pecado aparece na Bíblia o indicam: «*Rasha-Asebeia*», «*Pesha-Anomia*», etc. O pecado é sempre um não a Deus<sup>134</sup>, uma ruptura com Ele<sup>135</sup>, uma atitude de resistência à sua vontade<sup>136</sup>. É não ouvir a Deus. É contrapor-se à Sua aliança.

Mas, vejamos outro elemento, nesta visão do pecado em Francisco.

### 3. — *Intervenção necessária da liberdade do homem no pecado*

Para Francisco, o pecado não é uma fatalidade. A natureza não está intrinsecamente corrompida<sup>137</sup>. O homem não é essencialmente mau. O pecado dá-se na história do homem. Poderia no entanto não verificar-se. Ele dá-se por culpa do homem, a partir de um acto livre do homem que ele poderia não pôr. A propósito do pecado de origem, descrito na Bíblia, diz o Santo Patriarca: «Feitos à Tua imagem, nos colocastes no Paraíso, donde, por nossa culpa, decaímos»<sup>138</sup>.

É a partir de um querer mau do homem, que o pecado entra na história humana. Diz o Santo na *Primeira Regra*: «Se algum quiser viver segundo a carne e não segundo o espírito, admoestem-no, instruem-no e, com humildade e diligência, corrijam-no»<sup>139</sup>.

<sup>133</sup> Idem, *Ibidem*, o. c., p. 41.

<sup>134</sup> P. Schoonenberg, *Dal peccato alla redenzione*, Brescia, 1970, p. 11.

<sup>135</sup> M. Vidal, *Moral de actitudes*, vol. I, ed. 3, Madrid, 1975, p. 411.

<sup>136</sup> P. Schoonenberg, *La potenza del peccato*, ed. 2, Brescia, 1971, p. 41.

<sup>137</sup> L. Lavelle, *Spiritualità francescana*, Milano, 1967, p. 24.

<sup>138</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 23, o. c., p. 66.

<sup>139</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 5, o. c., p. 42.

No pecado intervem sempre uma recusa do homem: «Os que recusam provar como o Senhor é suave e mais amam as trevas do que a luz, negando-se a cumprir os mandamentos de Deus, têm a sua maldição»<sup>140</sup>.

Sabemos como ele sossegou um irmão que pensava haver pecado, só por ter sentido uma ardente tentação na qual não havia consentido<sup>141</sup>.

Por tal motivo, ele sabia bem que, desaparecendo a liberdade do homem, ou ficando ela diminuída, o pecado não se verifica. Deste modo, a propósito do dever do jejum, nos dias em que ele obriga por lei, é bem explícito: «Havendo necessidade, todos os irmãos, onde quer que se encontrem, lhes seja lícito comer de todos os alimentos que os homens podem comer»<sup>142</sup>.

Não é, porém, apenas a liberdade do homem que entra na realidade do pecado e o explica. Há outros elementos a considerar no pensamento de Francisco. É o que ressalta de um outro elemento a ter em conta.

4. — *Génese do pecado*. Muito embora dependente da liberdade do homem, para Francisco, o pecado anda particularmente ligado a dois factores fundamentais: o demónio e a carne.

a) *O Demónio*. Trata-se de um factor ligado ao pecado que decorre naturalmente da leitura da Sagrada Escritura, da tradição da Igreja, bem como da maneira de falar dos autores espirituais e pastores da Igreja, da própria liturgia, e da arte sacra, muito especialmente naquele tempo<sup>143</sup>. Por isso, é natural que Francisco ligasse o pecado ao demónio. Dele diz o Santo que leva o homem ao pecado: enganando-o<sup>144</sup>, cegando-o<sup>145</sup>, instigando-o<sup>146</sup>, tentando-o<sup>147</sup>, insidiando-o<sup>148</sup>, fazendo-o esquecer os mandamentos do Senhor<sup>149</sup>, sugerindo-lhe o mal<sup>150</sup>, conquistando as almas a Cristo<sup>151</sup>,

crucificando de novo Cristo<sup>152</sup>, fazendo dos homens seus filhos<sup>153</sup>; separando o homem do amor de Cristo<sup>154</sup> etc.

Dado este papel preponderante do demónio, há que acautelar-se dele<sup>155</sup> e sobretudo combatê-lo. Por isso aparece constantemente Francisco em luta com o demónio, das mais diversas formas<sup>156</sup>. Na linguagem de Celano, para Francisco, este mundo é um imenso campo de batalha, em luta com o poder das trevas<sup>157</sup>.

Entretanto, no pensamento de Francisco, o demónio não é qualquer coisa de decisivo, na linha do pecado. Ele está absolutamente controlado por Deus: «Fazei em mim, diz ele, tudo o que quiserdes, espíritos malignos e enganadores, pois não podeis fazer senão aquilo que a mão de Deus vos permitir»<sup>158</sup>.

É controlado por Deus e também controlável pelo homem. Assim se exprime Francisco nas *Palavras de Exortação*: «Tendo o corpo sujeito, nenhum outro inimigo, visível ou invisível, nos poderá fazer mal»<sup>159</sup>. Além disso, segundo S. Francisco, a Santa Sabedoria confunde Satanás com toda a malícia das suas tentações e a Santa Caridade confunde todas as tentações do demónio<sup>160</sup>.

Mas Francisco aponta outro factor ligado também intimamente ao surgir do pecado no coração do homem.

b) *A carne*. É um novo foco de pecado, dentro do homem, no pensamento de Francisco. Entretanto, importa ter presente o sentido que tem o conceito de carne para Francisco. É claro que, por vezes, carne ou corpo para Francisco significa a realidade corporal do homem. Assim sucede, por exemplo, quando diz: «Se o Irmão enfermo se perturba e exaspera contra Deus e contra os irmãos ou se mostra porventura demasiado solícito e exigente no reclamar remédios, na ânsia de salvar a carne que cedo há-de morrer e é ini-

<sup>140</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 100.

<sup>141</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 87, n.º 124, o. c., p. 654.

<sup>142</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 9, o. c., p. 48.

<sup>143</sup> E. d'Ascoli, *art. cit.*, p. 170.

<sup>144</sup> Francisco (S.), *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 105.

<sup>145</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 8, o. c., p. 46.

<sup>146</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 13, o. c., p. 52.

<sup>147</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 5, o. c., p. 42.

<sup>148</sup> Idem, *Saudação das virtudes*, o. c., p. 137.

<sup>149</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 22, o. c., p. 62.

<sup>150</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 2, o. c., p. 20.

<sup>151</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 14, n.º 35, o. c., p. 440.

<sup>152</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 5, o. c., p. 23.

<sup>153</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 21, o. c., p. 60.

<sup>154</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 22, o. c., p. 61.

<sup>155</sup> Idem, *Ibidem*, o. c., p. 62.

<sup>156</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 27, n.º 72, o. c., p. 467; Idem, *Vita segunda*, cap. 74, n.º 108, o. c., p. 640; Idem, *Ibidem*, cap. 76, n.º 110, o. c., p. 42. Idem, *Vita Prima*, cap. 26, n.º 70, o. c., p. 466; Boaventura (S.), *Leggenda Maggiore*, cap. 6, n.º 9, o. c., p. 887; Idem, *Ibidem*, cap. 5, n.º 4, o. c., p. 873; etc., etc.

<sup>157</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 124, n.º 165, o. c., p. 684.

<sup>158</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 86, n.º 122, o. c., p. 652.

<sup>159</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 10, o. c., p. 26.

<sup>160</sup> Idem, *Saudação das Virtudes*, o. c., p. 137.

miga da alma, então há que dizer que isto lhe vem do espírito mau e carnal»<sup>161</sup>.

Não é, porém, nesse sentido que, propriamente o corpo ou a carne é origem do pecado. A prova está em que, neste mesmo texto que citámos, o santo contrapõe a carne a espírito carnal e põe a origem do mal, não no próprio corpo, mas no espírito carnal. Portanto esta realidade da carne é qualquer coisa que não se identifica com o corpo.

Carne, para Francisco, também não é, pelo menos directamente, a concupiscência ou a luxúria. Quando fala dessa realidade, Francisco não usa o termo carne ou corpo. Prefere a palavra fornicação ou outra equivalente, em voga no seu tempo. Deste modo, a tal propósito, é assim que ele se exprime na Regra: «Se algum dos irmãos, por instigação do demónio, cair em fornicação, dispa-se-lhe o hábito da Ordem, seja expulso da nossa religião. E depois vá fazer penitência dos seus pecados»<sup>162</sup>.

Carne, para Francisco, neste contexto do pecado, tem sempre ou quase sempre o sentido bíblico que lhe dá sobretudo Paulo, nomeadamente na Carta aos Gálatas e aos Romanos. É qualquer coisa que se opõe no homem à Lei do Espírito de Deus. É a totalidade da pessoa inclinada ao mal<sup>163</sup>. É a realidade do homem dominada por uma intencionalidade ou forma de pensar oposta a Deus e ao seu reino<sup>164</sup>, ao Seu Espírito.

É este o sentido que lhe dá Francisco quando diz: «Com ódio tratemos sim o nosso corpo com os seus vícios e pecados, porque, vivendo segundo a carne, quer roubar-nos o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e a vida eterna e perder-se com tudo no inferno»<sup>165</sup>.

O mesmo sentido lhe atribui, quando escreve: «Guardemo-nos da sabedoria deste mundo e da prudência da carne, porque o espírito da carne muito quer e cuida de palavras e pouco de obras»<sup>166</sup>. Carne é, por conseguinte: O egoísmo, soberba, vanglória, ambição,

vontade própria, orgulho. Em última análise, é o que muito bem define a Imitação de Cristo como a natureza contraposta à graça<sup>167</sup>. É o sentido que lhe pretende dar o nosso santo quando fala de sapiência carnal<sup>168</sup>, comportamento carnal<sup>169</sup>, etc.

A carne é para Francisco tudo o que leva consigo egoísmo ou centralidade do próprio eu<sup>170</sup>. Por isso, são pecados nascidos directamente da carne: o ódio, a inveja, a ira, o orgulho, a apropriação da vontade pessoal<sup>171</sup>, o que se contrapõe, em cada um de nós, à pura simplicidade do coração<sup>172</sup>.

Seja como for, também esta fonte de pecado, centrada no próprio egoísmo, não é decisiva. Também ela, se o homem quiser, ficará sob o seu controlo. Diz o Santo: «Muitos, quando pecam ou recebem injúria, facilmente carregam a culpa sobre o inimigo ou sobre o próximo. Pois não está certo, porque cada um tem em seu poder o inimigo, ou seja o corpo com que peca. Por isso, bemaventurado é o servo que, visto que tem em seu poder tal inimigo, sempre o traz sujeito e dele se guarda com prudência, porque, procedendo desse modo, nenhum outro inimigo visível ou invisível lhe poderá fazer mal»<sup>173</sup>.

Um novo elemento poderá ainda ajudar-nos a entender o pensamento de Francisco sobre a natureza propriamente dita do pecado.

5. — *A extinção ou desaparecimento do pecado*. Para Francisco, o pecado não é qualquer coisa definitiva. Como sucede na Bíblia, o pecado não é a primeira palavra na história da humanidade e na história do homem e não é também a última. Podemos vê-lo na descrição paradigmática do pecado que nos oferece o Génesis. O pecado, aparece apenas no capítulo terceiro do Génesis e após um estado de inocência. Não é a primeira palavra e também não será a última: «Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça» (Gén. 3, 15).

Francisco entendeu isto muito bem, em relação a si mesmo e em relação aos outros. Em relação a si mesmo, fala ele no Testa-

<sup>161</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 10, o. c., p. 50.

<sup>162</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 13, o. c., p. 52.

<sup>163</sup> E. Quarello, *L'amore e il peccato*, Bologna, 1971, p. 30. A. Lanz, *Carne em Dicionario enciclopedico di spiritualità*, vol. I, Roma, 1975, p. 330.

<sup>164</sup> H. Seebass H., *Carne*, em *Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento*, Bologna, 1976, p. 208.

<sup>165</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 22, o. c., p. 61.

<sup>166</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 17, o. c., p. 56.

<sup>167</sup> T. Kempis, *Imitação de Cristo*, I, 3, c. 54, Rio de Janeiro, 1904, p. 298.

<sup>168</sup> Francisco (S.), *Saudação das Virtudes*, o. c., p. 137.

<sup>169</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 5, o. c., p. 42.

<sup>170</sup> L. Iriarte, *Vocación franciscana*, Madrid, 1971, p. 85.

<sup>171</sup> I. Omaechevarria, *Lo «Espírito» nella regola e vita dei Frati Minori*, em *Vita Minorum* 38 (1967), p. 50.

<sup>172</sup> L. Antoine, *Leggere Francesco d'Assisi*, Milano, 1969, p. 113.

<sup>173</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 10, o. c., p. 26.

mento, de quando «estava em pecado»<sup>174</sup>. S. Boaventura refere como ele teria recebido uma revelação expressa de que lhe tinham sido perdoados todos os seus pecados<sup>175</sup>. Em relação aos outros, sabemos da forma como ele sossegou Frei Ricério que andava esmagado pelos pecados que cometera antes de entrar na Ordem, excitando-o à confiança na Divina Misericórdia<sup>176</sup>.

O pecado, pois, pode desaparecer da consciência do homem. Tal facto, verifica-se mediante o perdão de Deus, que para Francisco, é efeito de uma graça especial do Senhor. Confessa-o expressamente no *Testamento*. É uma graça que o Senhor dá<sup>177</sup>. Na *Primeira Regra*, diz ele textualmente: «Deus nos criou e remiu e salvou só pela Sua misericórdia»<sup>178</sup>. E, pouco depois: «No Senhor está todo o perdão, toda a graça, toda a glória dos penitentes e dos justos»<sup>179</sup>. E, na *Carta a todos os Cristãos*: «Deus quer que todos sejamos salvos por Ele»<sup>180</sup>.

O pecado tem perdão. Tal perdão é uma graça do Senhor. Essa graça, porém, requer para Francisco várias condições, a saber: o arrependimento, a confissão, a reparação.

a) *O arrependimento*: Sem arrependimento pelo mal feito, não pode ter lugar o perdão. Diz o Santo na Primeira Regra: «Ai daqueles que morrem impenitentes porque serão filhos do demónio cujas obras praticam e irão para o fogo eterno»<sup>181</sup>. «Fazei penitência; dai frutos dignos de penitência, porque sabeis que, em breve, haveis de morrer»<sup>182</sup>. Mais adiante, acrescenta em forma de oração: «O mesmo Teu Filho de novo há-de vir na glória da Sua majestade a lançar ao fogo eterno os malditos que não fizeram penitência, nem Te conheceram»<sup>183</sup>.

O arrependimento é, pois, uma condição para se obter o perdão dos pecados que se praticaram. Mas há que pôr ainda outra condição.

b) *A confissão dos pecados*: O Santo Patriarca insiste nesta condição: «Bemaventurado o servo que, repreendido, com generosi-

<sup>174</sup> Idem, *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>175</sup> Boaventura (S.), *Leggenda Maggiore*, cap. 3, n.º 6, o. c., p. 855.

<sup>176</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 18, n.º 49, o. c., p. 451.

<sup>177</sup> Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>178</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 23, o. c., p. 68.

<sup>179</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>180</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 100.

<sup>181</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 21, o. c., p. 60.

<sup>182</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>183</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 23, o. c., p. 66.

dade se submete, com respeito obedece, humildemente confessa a falta e de boamente repara»<sup>184</sup>.

Por isso mesmo mandava aos irmãos na *Regra*: «Se algum irmão cair em pecado venial, confesse-se com o seu irmão sacerdote e, se não houver aí sacerdote, confesse-se com o seu irmão até que tenha um sacerdote que canonicamente o absolva»<sup>185</sup>. Fala aqui Francisco da confissão feita mesmo a alguém que não for sacerdote. Reflecte uma praxe da Igreja do seu tempo<sup>186</sup>. Estava bastante difundida a convicção de que a confissão dos pecados era tão importante como a água no baptismo<sup>187</sup>. Francisco estava convencido disto a respeito também de si mesmo e, por isso, diz Celano que chegava a confessar-se até das faltas mínimas<sup>188</sup>. Aos outros, exortava e prescrevia: «Os meus irmãos benditos, clérigos e leigos, confessem os seus pecados aos sacerdotes da nossa religião. E, se assim não puderem, confessem-se a outros sacerdotes prudentes e católicos»<sup>189</sup>.

Na pregação aos fiéis mandava que os seus exortassem: «Confessai todos os vossos pecados»<sup>190</sup>. Já dissemos que até punha a hipótese, no caso de não haver sacerdotes, da confissão aos leigos. O problema existia na Ordem uma vez que, ao princípio, era bastante reduzido o seu número. Entre os seus doze primeiros companheiros, apenas um era sacerdote<sup>191</sup>. De resto, já dissemos que era uma praxe bastante comum na Igreja. A ela aludia já Beda, o Venerável, à volta do século VII<sup>192</sup>. Motivava-se tal praxe no facto de a confissão levar consigo um sacrifício humilhante que redimia o pecado<sup>193</sup> ou então por ser uma forma de manifestar publicamente o arrependimento<sup>194</sup>. Neste caso da confissão a leigos, preferiam-se pessoas espirituais, de

<sup>184</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 23, o. c., p. 31.

<sup>185</sup> Idem, *Carta a um ministro*, o. c., p. 117.

<sup>186</sup> L. de Izzo, *La semplicità evangelica di S. Francesco de Assisi*, Roma, 1971, p. 53.

<sup>187</sup> *Acta Concilii Trosleiani*, can. 15, em *Migne, Pl.*, vol. 132, col. 714.

<sup>188</sup> T. Celano, *Vita seconda*, cap. 63, n.º 97, o. c., p. 631.

<sup>189</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 20, o. c., p. 58.

<sup>190</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 21, o. c., p. 60.

<sup>191</sup> H. Felder, o. c., p. 125.

<sup>192</sup> Beda Venerabilis (S.), *Expositio super Divi Jacobi Epistolam*, c. 5, em *Migne Pl.*, vol. 93, col. 39.

<sup>193</sup> J. Regidor, *Il sacramento della penitenza*, ed. 3, Torino, 1974, p. 185.

<sup>194</sup> A Testaert, *La confession aux laïques dans l'Eglise latine depuis de VIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1926, p. 479.

vida de oração intensa e feição carismática<sup>195</sup>. Só desapareceu tal praxe, quando a reflexão teológica centrou o sacramento da penitência na absolvição dada pelo sacerdote<sup>196</sup>. É claro que Francisco, mais que prescrever esta confissão aos leigos, na falta do sacerdote, aconselhava-a. Havia entretanto quem a considerasse obrigatória, na falta de sacerdote, exactamente como se diz ao falar do baptismo<sup>197</sup>. Além disso, para Francisco, tal confissão aos leigos não dispensava depois o recurso ao sacerdote: «Nem por isso se julguem desobrigados de recorrer aos sacerdotes, já que o poder de desligar só a eles foi cometido»<sup>198</sup>. O facto de alguém não querer confessar-se aos sacerdotes, era para ele considerado como tentação diabólica<sup>199</sup>.

Tal insistência em confessar os pecados ao sacerdote pode muito bem ter como explicação o facto de os cátaros e outros movimentos heréticos recusarem fazê-lo, sobretudo quando os sacerdotes eram de vida menos exemplar. Francisco rebatia tal forma de pensar, dizendo expressamente aos irmãos: «Seja de que sacerdote for que recebam a penitência e a absolvição, de certeza são absolvidos dos seus pecados confessados»<sup>200</sup>. Para exemplo dos seus irmãos, testemunha Celano que ele se confessava a sacerdotes estranhos à Ordem, fossem eles bons ou maus<sup>201</sup>.

Para além do arrependimento e da confissão, impõe-se ainda uma outra condição para obter o perdão do pecado.

c) *A reparação ou penitência*. Para Francisco, é qualquer coisa indispensável. Diz ele que os pecados ficam de facto absolvidos «desde que humildemente e confiadamente procurem cumprir a penitência que lhes impuseram»<sup>202</sup>.

Sem tal reparação, não há salvação. Afirma ele, na *Carta aos Cristãos*: «Saibam todos que, de qualquer maneira e seja onde for que um homem morra em pecado mortal, sem reparação condigna

<sup>195</sup> B. Haering, *Morale e sacramenti*, Bari, 1976, p. 284.

<sup>196</sup> A. Teetaert, *o. c.*, p. 482.

<sup>197</sup> E. Bihel, *Deux citations bibliques de Saint François* «Quia verbum brevium fecit Dominus super terram et confitemini alterutrum peccata vestra», em *France Franciscaine*, 12 (1929), p. 539.

<sup>198</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 20, *o. c.*, p. 59.

<sup>199</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 2, n.º 28, *o. c.*, p. 576.

<sup>200</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 20, *o. c.*, p. 59.

<sup>201</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 17, n.º 46, *o. c.*, p. 449.

<sup>202</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 20, *o. c.*, p. 59.

e podendo satisfazer não o fez, o demónio vem arrancar-lhe a alma do corpo com tanta angústia e tribulação como só quem experimentou, o poderia contar»<sup>203</sup>.

Esta reparação ou penitência a fazer, era qualquer coisa que competia exclusivamente ao sacerdote indicá-la. Por isso manda ele aos irmãos ministros, quando eles não forem sacerdotes e for ter com eles algum irmãos que pecou: «Mandem-nos a sacerdotes da Ordem que lhes imponham a penitência, conforme segundo Deus melhor lhes parecer»<sup>204</sup>.

Uma tal visão da penitência ou reparação a cumprir, imposta pelo sacerdote exclusivamente, acusa ainda certamente uma visão do sacramento da penitência em termos de penitência tarifada, como passara a viver-se este sacramento, nomeadamente na Europa, a partir dos séculos V e VI, por influência sobretudo das igrejas celtas<sup>205</sup>.

Concluindo, podemos dizer que o pecado para Francisco, na sua natureza íntima, é sobretudo uma atitude de apropriação e desobediência frontal a Deus. Supõe sempre a intervenção da livre vontade e culpa do homem. Interfere na sua origem o demónio e o egoísmo pessoal. Muito embora seja qualquer coisa de dramático, o pecado não é a última palavra. Ele pode desaparecer da consciência do homem. Impõe-se, para isso, o arrependimento, a confissão e a reparação.

Nesta análise à natureza do pecado, e para um maior aprofundamento desta perspectiva, impõe-se o estudo de um outro dos seus aspectos, no pensamento de Francisco. Há que ver as dimensões que ele vê nesta realidade tenebrosa que perpassa pela vida humana. É o que faremos no capítulo seguinte.

### III

#### As diversas dimensões do pecado no pensamento de S. Francisco

É uma nova forma de aprofundar o pensamento de Francisco sobre a natureza do pecado, esta análise às várias dimensões que ele descobre nesta realidade humana. Vou apontar apenas algumas, sublinhando aquelas que a teologia do nosso tempo, à luz da revelação, vai acentuando sempre mais, ao reflectir sobre a

<sup>203</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, *o. c.*, p. 106.

<sup>204</sup> Idem, *Segunda Regra*, cap. 7, *o. c.*, p. 78.

<sup>205</sup> B. Haering, *o. c.*, p. 288.

doutrina do pecado. Concretamente, mostraremos como o Santo Patriarca vê no pecado uma dimensão teológica, uma dimensão cristológica, uma dimensão pessoal, uma dimensão escatológica e, finalmente, uma dimensão social. Começemos pela primeira.

1. — *O pecado tem uma dimensão teológica.* O pecado para Francisco não era a simples violação de uma lei, por importante que fosse, como o via o pensamento grego e com ele muita teologia anterior e posterior a Francisco<sup>206</sup>. O Pecado é fundamentalmente uma realidade religiosa. Ele acontece sempre diante de Deus. Marca uma oposição frontal ao Senhor.

Compreende-se uma tal dimensão do pecado, sobretudo se tivermos em conta que Francisco viveu dentro duma espiritualidade marcada muito especialmente pelo sentido de Deus. É lógico, tendo em conta que a Igreja havia sido, por aquela altura, quase o único factor de cultura e civilização<sup>207</sup>. Santo Anselmo, cuja doutrina influenciou profundamente na espiritualidade eclesial do tempo de S. Francisco, havia escrito: «O homem, se não amasse a Deus, não teria qualquer razão para existir»<sup>208</sup>.

Francisco vivia, com intensidade inaudita, um tal sentido de Deus. No dizer de Celano, Ele era o seu alimento<sup>209</sup>. Via-O em toda a parte, em todas as criaturas<sup>210</sup>. Via toda a sua vida e contemplava-a à luz de Deus<sup>211</sup>. Abrasado de fervor seráfico, mandava aos irmãos: «Esta ou semelhante, a exortação e louvor que todos os meus irmãos, sempre que lhes aprouver, podem fazer aos homens com a benção do Senhor: Temei e honrai, louvai e bendizei, dai graças e adorai o Senhor Deus Onnipotente»<sup>212</sup>.

Uma pessoa assim, era lógico que relacionasse e visse o pecado sobretudo na sua dimensão teológica, situando-o na perspectiva de Deus. Desta forma, ele vê o pecado como ofensa a Deus. Não há que sentir, por isso, nas injúrias que se recebem, a ofensa que se nos faz, mas o amor de Deus que é ofendido<sup>213</sup>. Por tal motivo, era diante

de Deus que ele ia deplorar o seu pecado: «Senhor, tende piedade de mim que sou pecador!»<sup>214</sup>. Recomendava igualmente ao irmão pecador que fosse chorar os seus pecados diante de Deus<sup>215</sup>.

Não via o pecado, nesta perspectiva apenas, como ofensa a Deus, mas considerava os seus efeitos a partir de Deus. Deste modo, dizia, a respeito da murmuração, que ela fazia o murmurador «odiado de Deus»<sup>216</sup>. O pecado provoca a sua ira. Por isso é que ele dizia: «O temor de Deus guardará o inimigo de entrar»<sup>217</sup>.

Ainda dentro desta dimensão, via o pecado como uma mudança nas relações do homem com Deus. Deste modo ele põe de sobreaviso os irmãos doentes para que com as suas faltas não se perturbem nem exasperem contra Deus<sup>218</sup>.

É evidente que, mais uma vez, também aqui Francisco capta profundamente a visão bíblica do pecado. Também na Sagrada Escritura, este é o rasgo fundamental do pecado. O pecado é sempre uma atitude do homem diante de Deus<sup>219</sup>.

Ligada a esta, vem a outra dimensão do pecado.

2. — *Dimensão cristológica do pecado.* Para Francisco, o pecado tinha sempre uma relação particular com Cristo.

Compreende-se que assim fosse, tendo em conta que Francisco teve a sorte de viver num tempo marcado também por uma devoção toda particular à pessoa de Jesus e à sua humanidade. Foi uma devoção que vinha sendo alimentada constantemente por grandes mestres da Igreja. Poderíamos recordar entre outros Santo Agostinho, S. Bento, etc. Muito mais perto de Francisco, merecem referência especial S. Anselmo<sup>220</sup>, S. Bernardo<sup>221</sup> e tantos outros que foram sedimentando e fazendo crescer sempre mais este amor à pessoa de Jesus Cristo. Influenciou neste clima, muito particularmente, a reforma de Cister que antecedeu quase imediatamente os tempos de S. Francisco, com todo entusiasmo que lhe imprimiu S. Bernardo. No ano de 1152, havia na Igreja nada menos que 350 abadias cistercienses e, no fim do século XII, já eram

<sup>206</sup> P. Schoonenberg, *La potenza del peccato*, ed. 2, Brescia, 1971, p. 34.

<sup>207</sup> E. d'Ascoli, *art. cit.*, p. 171.

<sup>208</sup> Anselmo (S.), *Monologium*, c. 69, em *Migne, Pl.*, Vol. 48, col. 214-215.

<sup>209</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 62, n.º 96, o. c., p. 631.

<sup>210</sup> Idem, *Vita Prima*, cap. 29, n.ºs 80-81, o. c., p. 474.

<sup>211</sup> D. Barsotti, *Questo è il mio testamento*, Milano, 1974, p. 21.

<sup>212</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 21, o. c., p. 59.

<sup>213</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 9, o. c., p. 25.

<sup>214</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 11, n.º 26, o. c., p. 432.

<sup>215</sup> Idem, *Vita seconda*, cap. 91, n.º 128, o. c., p. 657.

<sup>216</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 11, o. c., p. 51.

<sup>217</sup> Idem, *Palavras de exortação*, n.º 27, o. c., p. 33.

<sup>218</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 10, o. c., p. 50.

<sup>219</sup> F. Bourassa *Le péché offense de Dieu*, em *Gregorianum* 49 (1968), p. 562.

<sup>220</sup> Anselmo (S.), *Orationes*, em *Migne, Pl.*, vol. 158, col. 935 ss.; etc.

<sup>221</sup> Bernardo (S.), *Sermones de tempore*, *Migne, Pl.*, Vol. 183, col. 35 e ss.; etc., etc.

mais de 530. Chegava a dizer-se que dava a impressão que todo o mundo se ia fazer cisterciense<sup>222</sup>. Foi uma das grandes fontes do amor a Jesus Cristo, nos tempos de S. Francisco.

Comprova um tal amor a Cristo e à Sua humanidade nos tempos de Francisco, o fenómeno das peregrinações aos lugares santos e sobretudo as cruzadas para libertar os lugares santificados pela presença de Jesus.

Outra manifestação é a devoção ao crucifixo que, tendo começado a surgir pelo século VIII, se foi difundindo sempre mais, até ao ponto de passar a presidir a todos os monumentos religiosos do oriente e do ocidente, constituindo, ao mesmo tempo, motivo de inspiração para pintores, escultores, ourives, artistas do marfim, miniaturistas, confeccionadores de tecidos, etc. etc.<sup>223</sup>. O próprio Francisco de Assis vivia essa devoção, como o comprova o facto de ter sido a rezar diante do crucifixo de S. Damião que Ele ouviu a palavra do Senhor que o mandava restaurar a Sua Igreja<sup>224</sup>. Foi centrada no crucificado, que Francisco compôs a belíssima oração que, segundo nos diz no *Testamento*, ele passou a rezar ao entrar nas Igrejas<sup>225</sup>.

Francisco deixou-se certamente contagiar por esta devoção à pessoa de Jesus, própria do seu tempo, conferindo-lhe ainda maior profundidade e levando-a até às últimas consequências. Como nos diz Celano, Cristo estava constantemente nos seus lábios, nos seus olhos, nas suas mãos, em toda a parte<sup>226</sup>. Tudo o punha espontaneamente em relação com Ele<sup>227</sup>. Estava sempre sedento da Sua pessoa<sup>228</sup>. Olhava para Ele como seu esposo amantíssimo<sup>229</sup>. Não podia deixar de pensar n'Ele<sup>230</sup>. Por vezes, na estrada, por ir a pensar n'Ele, chegava ao ponto de esquecer-se para onde ia e o que ia fazer<sup>231</sup>. Por causa

<sup>222</sup> E. Vacandard, *Vie de Saint Bernard abbé de Clairvaux*, vol. II, Paris, 1927, p. 425.

<sup>223</sup> C. Constantini, *Il crocifisso nell'arte*, Firenze, 1911, p. 81.

<sup>224</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. VI, n.º 10, o. c., p. 561.

<sup>225</sup> Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>226</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. IX, n.º 115, o. c., p. 506.

<sup>227</sup> Idem, *Vita Seconda*, cap. 51, n.º 83, o. c., p. 621.

<sup>228</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 61, n.º 94, o. c., p. 629.

<sup>229</sup> Idem, *Ibidem*, n.º 95, o. c., p. 630.

<sup>230</sup> Idem, *Vita Prima*, cap. 30, n.º 84, o. c., p. 477.

<sup>231</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 9, n.º 115, o. c., p. 506.

de Cristo, ele amava tanto a pobreza<sup>232</sup>, considerando-a virtude real, a sua senhora, cortejando-a como se fazia então com a mulher ideal<sup>233</sup>. No apostolado, o que pretendia era dar testemunho de Cristo<sup>234</sup>, tendo-se, por isso, como seu arauto, arauto do Grande Rei<sup>235</sup>. Via Cristo em toda a parte: no verme da estrada, no cordeiro, nas pedras do caminho, nas flores do campo<sup>236</sup>. Cristo era o seu caminho<sup>237</sup>, sendo seu programa de vida seguir as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo<sup>238</sup>. Era o seu caríssimo irmão, como lhe chamava<sup>239</sup>. Vivía um amor terno para com Ele, particularmente na pessoa dos sacerdotes<sup>240</sup>, em tudo o que servia para a celebração da eucaristia<sup>241</sup>, no homem que dizia feito à imagem de Cristo<sup>242</sup> e também, de modo especial, na Sua palavra, no Seu Evangelho<sup>243</sup>. Com razão, se tem dito que Cristo era a sua superciência<sup>244</sup>, que ninguém, depois de João e Paulo, lhe deve ter tido maior amor<sup>245</sup>. De Lubac diz que Francisco foi o único discípulo de Cristo, em sentido absoluto<sup>246</sup>. Foi um homem cujo programa era viver em plena consonância como o Mestre e com o Mestre, como diz Grandmaison<sup>247</sup>.

Num contexto, é fácil compreender que Francisco relacionasse o pecado com a pessoa de Cristo, descobrindo nele, de muitas maneiras, uma profunda dimensão cristológica. O pecado para Francisco está relacionado com Cristo, antes de mais, porque foi, por causa dele, que Cristo derramou o Seu sangue. O seu perdão

<sup>232</sup> Idem, *Vita Seconda*, cap. 25, n.º 55, o. c., p. 599; *Ibidem*, cap. 31, n.º 61, o. c., p. 603.

<sup>233</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 51, n.º 84, o. c., p. 622.

<sup>234</sup> Francisco (S.), *Carta ao Capítulo Geral*, o. c., p. 108.

<sup>235</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 7, n.º 16, o. c., p. 423.

<sup>236</sup> Idem, *Vita Seconda*, cap. 124, n.º 165, o. c., p. 685.

<sup>237</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 1, o. c., p. 18.

<sup>238</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 109, n.º 148; o. c., p. 672, etc., etc.

<sup>239</sup> Francisco (S.), *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 103.

<sup>240</sup> T. Celano, *Vita seconda*, cap. 152, n.º 201, o. c., p. 713.

<sup>241</sup> Francisco (S.), *Carta a todos os custódios*, o. c., p. 118.

<sup>242</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 5, o. c., p. 22.

<sup>243</sup> Idem, *Testamento*, o. c., p. 91.

<sup>244</sup> L. Iriarte, o. c., p. 38.

<sup>245</sup> E. Longpre, o. c., p. 46.

<sup>246</sup> H. de Lubac, *Affrontement mystique*, Paris, 1949, p. 202.

<sup>247</sup> L. Grandmaison, *Jesus-Christ*, vol. II, Paris, 1928, p. 648.

custou o sangue a Jesus Cristo. Foi a «cruz e morte de Jesus que dele nos resgatou»<sup>248</sup>. Foi o Seu sangue que «redimiou o mundo»<sup>249</sup>. Ele nos «remiu e lavou no Seu precioso sangue»<sup>250</sup>. Foi por Cristo que, «tudo o que há no céu e sobre a terra foi reconciliado»<sup>251</sup>. Ele, «para salvar as Suas ovelhas, sofreu a paixão da cruz»<sup>252</sup>. Ele se ofereceu «pelo Seu próprio sangue, como sacrifício e hóstia, no altar da cruz, não por Si mesmo, por quem todas as coisas foram feitas, mas pelos nossos pecados»<sup>253</sup>.

O pecado está também relacionado com Cristo pelo facto de ele, ainda hoje, O atingir, renovando o sacrifício da Cruz: «Não foram os demónios que O pregaram na cruz, mas tu com eles o crucificaste, e ainda agora O crucificas, quando te deleitas nos vícios e pecados»<sup>254</sup>.

O pecado atinge muito particularmente a Cristo, no pensamento de Francisco, nas faltas cometidas em relação com a Eucaristia, particularmente na sua recepção e administração indigna. Por isso, receando ofendê-lo, pela sua indignidade, Francisco evitava receber a Eucaristia. De facto, ele viveu num tempo particularmente rigorista neste campo. Os autores proibiam receber a Eucaristia às pessoas casadas que tivessem a sua vida normal de casamento, no caso de haver qualquer poluição, mesmo involuntária, à mulher no período da menstruação, etc., etc.<sup>255</sup>. Concorria para isso a complicação da disciplina penitencial de então que requeria, entre outras coisas, a confissão antes de toda e qualquer comunhão<sup>256</sup>. Tudo isso provoca nos cristãos da Idade Média uma consciência marcante de indignidade diante de Deus<sup>257</sup>. Por tal motivo, receando ofender a pessoa de Jesus, Francisco só raramente se apresentava para receber a comunhão<sup>258</sup>. Era comum esta atitude nos grandes santos. Santa Clara comungava apenas 7 vezes ao ano. S. Luís, Rei de França, Santa Isabel de Hungria não chegavam a fazê-lo dez vezes por ano.

248 Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 23, o. c., p. 66.

249 Idem, *Testamento*, o. c., p. 90.

250 Idem, *Carta ao Capítulo Geral*, o. c., p. 108.

251 Idem, *Ibidem*, o. c., p. 109.

252 Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 6, o. c., p. 24.

253 Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 100.

254 Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 5, o. c., p. 23.

255 B. Cornet, *art. cit.*, p. 176.

256 J. Regidor, o. c., p. 187.

257 L. Iriarte, o. c., p. 45.

258 Idem, *Ibidem*, p. 46.

S. Boaventura ficava muitas vezes longe do altar e não celebrava a Eucaristia, por se sentir indigno de fazê-lo<sup>259</sup>. Seja como for, no fundo, em Francisco, era a Pessoa de Jesus que ele não queria ofender, sobretudo ali.

Eram os pecados em relação com a recepção da Eucaristia e com todos os aspectos relacionados com ela. Não vou aqui repetir a insistência com que ele falava aos sacerdotes e a todos para manterem a devida veneração para com o Corpo e Sangue do Senhor, pois seria um não acabar mais. É o tema em que mais insiste nos seus Escritos. Citemos apenas, a este propósito, as *Palavras de Exortação*: «Têm sentença de reprovação todos os que vêm o sacramento do Corpo de Cristo nas espécies do pão e do vinho consagrado pelas palavras do Senhor sobre o altar, por intermédio dos sacerdotes, mas não vêm nem crêem segundo o espírito divino que é de verdade o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo»<sup>260</sup>.

Ligado com a Eucaristia, via ele o sacerdote. Por isso, pela relação que o sacerdote tem com Cristo, Francisco via uma maior gravidade nos pecados cometidos contra ele: «Quanto sobreexcede a todos os demais o ministério que eles têm do Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que eles recebem e só eles aos outros administram, tanto o pecado cometido contra eles é mais grave de que os cometidos contra todos os demais homens deste mundo»<sup>261</sup>.

Era sempre a dimensão cristológica do pecado, de sentido igualmente bíblico<sup>262</sup>, nomeadamente a partir de Paulo e sobretudo de João<sup>263</sup>, o evangelista preferido por Francisco.

Relacionado com Deus, com o seu Filho Jesus Cristo, Francisco via o pecado também em relação com o próprio pecador. É outra dimensão a analisar.

3. — *Dimensão pessoal do pecado*. Não escapou a Francisco esta dimensão que a teologia de hoje e a própria reflexão filosófica vão sublinhando sempre mais. Usando as categorias de alienação de

259 B. Cornet, *art. cit.*, p. 22 e ss.

260 Francisco (S.), *Palavras de exortação*, n.º 1, o. c., p. 18.

261 Idem, *Ibidem*, n.º 26, o. c., p. 33.

262 AA. VV., *La penitenza*, Torino, 1976, p. 79; P. Schoonenberg, o. c., p. 43; E. Quarello, o. c., p. 28; etc.

263 S. Lyonnet, *Péché*, vol. VII, Paris, 1966, pp. 503-508.

K. Marx<sup>264</sup>, falta de identidade de J. Habermas<sup>265</sup>, angústia de J. P. Sartre<sup>266</sup>, muita teologia vai falando do pecado nesses mesmos termos em relação ao próprio homem. O pecado é alienação, frustração, angústia, falta de identidade, etc.<sup>267</sup>. O próprio Concílio Vaticano II, tentando atingir o sentido do pecado nessa perspectiva, fala dele como obscurecimento do homem, submersão num mundo de males, perturbação geral nas relações humanas, divisão no interior do homem, prisão e diminuição do homem, impedimento para se realizar plenamente, miséria existencial<sup>268</sup>.

Francisco viu também esta dimensão do pecado, explanando-a a seu modo.

Vê ele o pecado relacionado com o homem, primeiramente, no sentido em que requer sempre a intervenção humana e pessoal do homem. Já o vimos detidamente, quando falámos da natureza do pecado propriamente dita.

Viu-a porém e ainda mais detalhadamente ao reflectir sobre os efeitos que o pecado tem no homem. O pecado prejudica em termos gerais o pecador<sup>269</sup>. Torna-o maldito<sup>270</sup>. Faz dos pecadores: «miseráveis, mesquinhos, corruptos, fétidos, ingratos e maus»<sup>271</sup>. Enche o pecador de imundície, tornando todos os que o cometem «desgraçados e pútridos, fétidos e vermes», convertendo-os em «escravos do mundo, dos desejos carnis e dos cuidados e solitudes deste século e com o espírito escravos do demónio, enganados por ele, de quem filhos e cujas obras fazem, todos são cegos»<sup>272</sup>. Pelo pecado, todos os que o fazem, são «asquerosos, miseráveis, contrários ao bem e prontos e inclinados para o mal,

<sup>264</sup> K. Marx, *Manoscritti economico-filosofici del 1844*, Torino, 1968, pp. 69-75.

<sup>265</sup> J. Habermas, *Possono le società complesse formarsi un'identità razionale?* em *Per la ricostruzione del materialismo storico*, Milano, 1979, pp. 74-84.

<sup>266</sup> J. P. Sartre, *L'être et le néant*, Paris, 1943.

<sup>267</sup> A. Bondolfi, *Alienazione, ricerca di identità e di autorealizzazione personale e sociale*, em *Trattato di Etica teologica*, Bologna, 1981, pp. 258 ss.; P. Tillich, *Essere, non essere*, em *Il coraggio di esistere*, Roma, 1968; E. Kenneth, *The aliened Christian: a theology of alienation*, Philadelphia, 1971; Weiland, *Alienation et péché*, em AA. VV. *Temporalité et aliénation*, Paris, 1975, pp. 161-175.

<sup>268</sup> Gaudium et Spes, n.º 13.

<sup>269</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 5, o. c., p. 42.

<sup>270</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 100.

<sup>271</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 23, o. c., p. 68.

<sup>272</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., p. 103.

cheios de sujeira, no sentido em que o Senhor diz no Evangelho: «Do coração do homem é que procedem e vêm os maus pensamentos, os adultérios, as fornicções, os homicídios, os roubos, a avareza, a maldade, o embuste, a impudícia, os maus olhares, os falsos testemunhos, as blasfémias, a soberba, os desatinos. Todos estes males brotam do interior do coração do homem; e estes, sim, ensujam o homem»<sup>273</sup>.

Referindo-se aos pecados que ofendem a pobreza, diz o Santo que um tal pecado faz de quem o comete: «um falso irmão, salteador e ladrão, pessoa que traz bolsa»<sup>274</sup>. A expressão «trazer bolsa» é uma alusão ao traidor (Jo. 12, 6), querendo significar com isso que tal pecado converte o irmão num novo Judas, traidor.

Quando fala dos pecados contra a caridade, diz que «as afrontas cairão, não sobre quem as sofre, mas sobre quem as faz»<sup>275</sup>.

As expressões de Francisco não podiam ser mais existenciais para dizer o que ele pensava do pecado, nesta relação directa que tem com o próprio pecador, no momento em que o comete. Aliás é uma visão também profundamente bíblica. Bastaria recorrermos, mais uma vez, à noção paradigmática do pecado presente no Génesis. O pecado deixa o homem nú (Gén. 3, 7), cheio de medos (Gén. 3, 10) ludibriado (Gén. 3, 13), rodeado de sofrimentos (Gén. 3, 16), escravo (Gén. 3, 16), sujeito à morte (Gén. 3, 19). Poderia recordar-se aqui também a descrição do filho pródigo, longe da casa do Pai, na bela parábola do Evangelho (Lc. 15, 14-20). Aliás um dos termos usados na Bíblia para designar o pecado é a palavra «*pesha*» que significa uma situação de torcimento. O homem fica torcido na sua existencialidade.

Porém o pecado, como o vê Francisco, tem um alcance muito mais vasto em relação ao próprio homem. Ultrapassa a sua existencialidade. Vejamo-lo na análise a outra dimensão considerada por Francisco.

4. — *Dimensão escatológica do pecado*. O pecado, para Francisco, reveste uma dimensão que vai para além do tempo. Tem contornos de eternidade. Condiciona o nosso destino eterno.

É uma dimensão do pecado que se compreende facilmente, sobretudo se tivermos em conta o ambiente em que viveu Fran-

<sup>273</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 22, o. c., p. 61.

<sup>274</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 8, o. c., p. 46.

<sup>275</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 9, o. c., p. 48.

cisco. O seu tempo andava marcado pela apocalíptica, por um clima de fim do mundo, clima que teve o seu ponto alto em torno ao ano 1 000, mas que depois continuou a manter-se. Por tal clima foram assinalados também e fortemente todos os movimentos místicos e religiosos daquele tempo. Bastaria pensar em Joaquim de Fiore, Cristina a Admirável, Maria Oignies e tantos outros. Os pregadores do tempo exploravam frequentemente esse filão<sup>276</sup>. Francisco não foi estranho a este clima de fim do mundo. Quando ele fala de «dar contas», «observar até ao fim», «o tempo é breve», expressões que ocorrem constantemente nos seus escritos, reflectia um tal ambiente. A sua grande devoção a S. Miguel, para cuja festa se preparava com uma quaresma, pode muito bem andar nesta linha, sobretudo se se tiver presente a crença de que aquele Arcanjo viria com Cristo presidir ao juízo universal<sup>277</sup>. Ele pensava na pregação dos seus irmãos como preparação dos homens para o juízo final<sup>278</sup>. É nesse sentido que Celano chama a Francisco o «homem do século futuro»<sup>279</sup>, dizendo que ele vivia sempre com o espírito no céu<sup>280</sup>. Fazia parte da sua missão preparar os homens para o juízo final<sup>281</sup>. Os seus filhos foram-lhe dados pelo Senhor, a fim de serem luz para os homens envoltos nas trevas do pecado<sup>282</sup>, para serem baluartes da fé, neste últimos tempos<sup>283</sup>. Daqui a vida que deviam levar como peregrinos e estrangeiros, a caminho da terra dos viventes<sup>284</sup>, procurando que tudo, até as vasilhas e quaisquer utensílios, estivesse marcado pela sua qualidade de peregrinos<sup>285</sup>. A norma de vida dos irmãos deveria ser viverem as leis dos peregrinos: habitar em terra alheia, conduzir-se pacificamente com todos e anelar pela pátria. Nos ermos tinham por norma levantar-se para as matinas da meia noite<sup>286</sup>, não propriamente por mortificação, mas para estarem alerta, quando o Senhor chegasse, uma vez que, segundo o Evangelho, Jesus viria de noite.

276 T. Lombardi, *Introduzione allo studio del Franciscanesimo*, Assisi 1975, p. 64.

277 B. Cornet, *Art. cit.*, p. 36.

278 K. Esser, *La regola definitiva*, Milano, 1967, p. 71.

279 T. Celano, *Vita Prima*, cap. 15, n.º 36, o. c., p. 441.

280 Idem, *Vita Seconda*, cap. 61, n.º 94, o. c., p. 629.

281 Idem, *Ibidem*, cap. 41, n.º 71, o. c., p. 612.

282 Idem, *Ibidem*, cap. 115, n.º 155, o. c., p. 677.

283 Idem, *Ibidem*, cap. 166, n.º 156, o. c., p. 678.

284 Francisco (S.), *Segunda Regra*, cap. 6, o. c., p. 77.

285 T. Celano, *Vita seconda*, cap. 30, n.º 60, o. c., p. 602.

286 Francisco (S.), *Da religiosa morada nos ermos*, o. c., p. 85.

Por isso, tal hora de oração recebia o nome de vigília<sup>287</sup>. Sabemos do célebre discurso de Francisco no Capítulo das esteiras: «Grandes coisas prometemos ao Senhor; maiores nos foram prometidas a nós; o prazer é breve e a pena é eterna»<sup>288</sup>.

Pode bem dizer-se que todo o ambiente espiritual em que se move Francisco está centrado nesta esperança confiante e ansiosa da vinda do Senhor<sup>289</sup>. Se está voltado para o Cristo histórico, não está menos para o Cristo glorioso, com uma consciência extraordinariamente viva dos últimos tempos<sup>290</sup>.

Sendo assim, é claro que o pecado tinha de ser visto também nesta perspectiva. Daí a dimensão escatológica que ele descobre facilmente na realidade do pecado.

Falando aos ministros sobre a sua responsabilidade, em relação aos irmãos, assim lhes diz: «Se algum se perder por sua culpa e mau exemplo, dele terão de dar contas no dia do juízo, perante Nosso Senhor Jesus Cristo»<sup>291</sup>. E prosseguia: «Guardai, pois, as vossas almas e as dos vossos irmãos, porquanto coisa terrível, é cair nas mãos do Deus vivo»<sup>292</sup>. Citando o evangelho de S. Mateus, acrescenta: «Guardem-se da ira, porque todo aquele que se irar contra o seu irmão, será réu no juízo; e aquele que chamar «raca» a seus irmãos, será réu no conselho; e o que disser «és um tolo», será réu na geena»<sup>293</sup>. Avisa depois os Ministros, em relação àqueles que desejam ir para entre os moiros e outros infieis: «Não se oponham, se os julgarem idóneos para serem mandados, pois terão de dar contas ao Senhor, se nisto ou noutra coisa indiscretamente procederem»<sup>294</sup>. Manda depois aos irmãos que preguem ao povo dizendo: «Ai daqueles que morrem impenitentes, porque serão filhos do demónio, cujas obras praticam e irão para o fogo eterno. Vigiai e guardai-vos de todo o mal e perseverai no bem até ao fim»<sup>295</sup>. Quando fala aos irmãos, assim se lhes dirige: «Com ódio tratemos sim o nosso corpo, com os seus vícios e pecados, porque, vivendo segundo a carne, quer roubar-

287 K. Esser, *Temi spirituali*, Milano, 1973, p. 27.

288 T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 144, n.º 191, o. c., p. 706.

289 L. Iriarte, o. c., p. 112.

290 K. Esser, o. c., p. 16.

291 Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 4, o. c. p. 41.

292 Idem, *Ibidem*, cap. 5, o. c., p. 41.

293 Idem, *Ibidem*, cap. 11, o. c., p. 50.

294 Idem, *Ibidem*, cap. 16, o. c., p. 54.

295 Idem, *Ibidem*, cap. 21, o. c., p. 60.

-nos o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e a vida eterna e perder-se com tudo no inferno»<sup>296</sup>. Falando, em oração a Deus, assim se exprime: «Nós Te rendemos graças, porque o mesmo Teu Filho de novo há-de vir na glória da Sua majestade e lançar no fogo eterno os malditos que não fizeram penitência e dizer a todos os que O conheceram e adoraram e serviram em penitência: vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino para vós preparado, desde a origem do mundo»<sup>297</sup>. Falando, na *Carta aos Cristãos*, diz a todos os que se deixaram enganar cegamente pela carne, pelo mundo e pelo demónio: «Julgais que haveis de possuir por muito tempo as vaidades deste mundo e estais enganados, porque virá o dia e a hora em que não pensais e que desconheceis e ignorais e então o corpo vos cairá doente, a morte avança, vêm os parentes e amigos e dizem: faz as tuas últimas disposições. E a esposa e os filhos, e os parentes e amigos, fingem que choram. Ele olha e, vendo-os chorar, tocado de emoção, pensando dentro de si, diz: eis que deixo em vossas mãos a minha alma e o meu corpo e tudo quanto possuo». E prossegue um pouco depois: «Pois saibam todos que, de qualquer maneira e seja onde for que um homem morra em pecado mortal, sem reparação condigna e podendo satisfazer não o fez, o demónio vem arrancar-lhe a alma do corpo, com tanta angústia e tribulação como só quem experimentou, o poderia bem contar e todos os talentos e poder, ciência e sabedoria que julgava ter, lhe serão tirados». E acrescenta: «Assim, perde a alma e o corpo nesta vida que é breve e cai no inferno, onde, sem fim, será atormentado»<sup>298</sup>.

Quando pretende estimular os clérigos e levá-los a tratar com respeito o Corpo e Sangue do Senhor, é assim que lhes fala: «Esquecemo-nos que havemos de cair em Suas mãos? Emendemo-nos portanto sem demora e a valer destas e doutras faltas». E acrescenta: «Quem assim não fizer, saiba que há-de dar contas no dia do juízo, perante Nosso Senhor Jesus Cristo»<sup>299</sup>. Até no *Cântico das Criaturas* Francisco sublinha esta dimensão do pecado: «Ai daqueles que morrem em pecado mortal. Bemaventurados os que cumpriram a Tua Santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará

<sup>296</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 22, o. c., p. 61.

<sup>297</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 23, o. c., p. 66.

<sup>298</sup> Idem, *Carta a todos os cristãos*, o. c., pp. 105-106.

<sup>299</sup> Idem, *Carta a todos os clérigos sobre a reverência ao Corpo do Senhor e o asseio do altar*, o. c., p. 120.

mal»<sup>300</sup>. Quem peca, diz ele ainda: «terá de sofrer a respectiva pena»<sup>301</sup>. Vivendo esta dimensão do pecado, dá ordem aos irmãos pregadores que, nas suas exortações, vão pelo mundo: «denunciando os vícios e inculcando as virtudes, o castigo e a glória»<sup>302</sup>.

Também, a este propósito, a visão de Francisco não deixa de ser profundamente bíblica. Bastaria abrir o Evangelho e ouvir o Senhor dizer aos pecadores no juízo final: «Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno» (Mt. 25, 41). O rico avarento, cego pela sua cobiça, morre e é apresentado no inferno envolto em tormentos (Lc. 16, 23). Os que praticaram a iniquidade, na parábola do joio, são lançados na fornalha ardente (Mt. 13, 41-42), etc., etc.

Dotado de transcendência, em relação ao mais além, o pecado tem também uma certa transcendência aqui, no sentido em que é projectado para fora do homem, tornando-o nocivo à volta de si. Vem assim a outra dimensão do pecado que vamos analisar.

5. — *Dimensão social e comunitária do pecado*. A fé, a piedade de Francisco está longe de ser individualista<sup>303</sup>. Por isso mesmo não lhe podia escapar esta faceta do pecado. O pecado, para além de ofender a Deus, prejudicar quem o comete, vai atingir normalmente também os demais. É um aspecto que hoje a teologia sublinha sempre mais a partir nomeadamente da reflexão sobre o pecado do mundo de que fala S. João (Jo 1, 29). A solidariedade no mal, no pecado, na perdição, contraposta à solidariedade de salvação que nos veio trazer Jesus Cristo, é hoje um tema bastante comum nos autores que fazem teologia a sério<sup>304</sup>.

Hoje é assim. Não era o mesmo no tempo de S. Francisco. Todavia, ele intuiu perfeitamente um tal aspecto do pecado. Pode muito bem ter concorrido para isso o facto de ele ter apalpado, de forma gritante, esse aspecto do pecado nos seus próprios pecados que lhe pesavam particularmente pelo efeito que haviam tido nos outros. Lembrava sempre o dia em que um pobre lhe pediu esmola por amor de Deus e ele lhe voltou as costas. Não esquecia a sua atitude egoísta quando, ao ver os leprosos, lá longe nas suas cabanas, logo fechava os olhos e tapava o nariz com as mãos<sup>305</sup>, deixando-se levar pelo

<sup>300</sup> Idem, *Cântico do Irmão sol ou Cântico das criaturas*, o. c., p. 141.

<sup>301</sup> K. Esser, *Temi spirituali*, Milano, 1973, p. 249.

<sup>302</sup> Idem, *Palavras de exortação*, n.º 2, o. c., p. 20.

<sup>303</sup> Idem, *Segunda Regra*, cap. 9, o. c., p. 79.

<sup>304</sup> B. Haering, *Liberi e fedeli in Cristo*, Vol. I, Alba, 1979, p. 453.

<sup>305</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 7, n.º 17, o. c., p. 424.

comodismo que ele acusará no *Testamento*: «Quando eu estava em pecados, parecia-me extremamente amargo dar com os olhos nos leprosos»<sup>306</sup>. Por tal motivo é que ele, após a sua conversão, no intento de reparar este aspecto social dos seus pecados, logo se pôs a servir os leprosos: servindo-os, lavando-os, limpando o pús das suas chagas, vivendo com eles, beijando-os<sup>307</sup> e, como diz no *Testamento*, «usando de misericórdia com eles»<sup>308</sup>. Não contente com fazê-lo ele só, instituiu o seu primeiro noviciado para os irmãos que quisessem entrar na sua Ordem entre os leprosos. Para aí mandava, mesmo aqueles candidatos que viessem da nobreza. Queria que todos servissem aqueles pobres irmãos de quem todos fugiam, como ele havia feito<sup>309</sup>.

Foi este também, por outro lado, o aspecto que ele intuiu nas palavras que lhe dirigiu o Senhor, através do crucifixo de S. Damião: «Francisco, repara a minha Igreja que ameaça ruína»<sup>310</sup>. Na palavra do Senhor, os pecados dos homens tinham um reflexo social tão grave e dramático, que punham em risco a própria Igreja. O mesmo foi dado ver ao Papa Inocêncio III na célebre visão da Igreja de Latrão, catedral do Bispo de Roma, chefe supremo da Igreja, a ameaçar ruína<sup>311</sup>.

Vivendo em intensidade um tal aspecto do pecado, Francisco lembra aos Ministros que os seus irmãos se podem perder pela sua culpa e mau exemplo<sup>312</sup>. Na mesma linha, diz ele: «Guardem-se todos os frades, tantos Ministros e servos como os demais, de se perturbarem ou irritarem por causa do pecado ou mau exemplo de outro, porque o que o demónio pretende é isso, com o pecado de um, prejudicar a muitos; mas, do melhor modo que puderem, espiritualmente ajudem o que pecou»<sup>313</sup>.

Preocupado com essa dimensão do pecado, previne os seus irmãos constantemente do efeito pernicioso que as suas atitudes e ocupações podem ter nos irmãos: «Os irmãos, quando se encontram em casa de outro a servir ou trabalhar, não façam o ofício,

<sup>306</sup> Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>307</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 7, n.º 17, o. c., p. 424.

<sup>308</sup> Francisco (S.), *Testamento*, o. c., p. 90.

<sup>309</sup> *Specchio di perfezione*, c. 44, o. c., p. 1348.

<sup>310</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 6, n.º 10, o. c., p. 562.

<sup>311</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 11, n.º 17, o. c., p. 568.

<sup>312</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 4, o. c., p. 41.

<sup>313</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 5, o. c., p. 42.

nem de camareiros nem de vedores, nem de administradores, nem outro qualquer ofício que dê escândalo»<sup>314</sup>. Aplica a mesma preocupação aos irmãos desobedientes, dentro da comunidade, que, segundo ele se exprime, voltam ao vômito da própria vontade: «Esses são homicidas, porque, com o seu mau exemplo, levam muitas almas à perdição»<sup>315</sup>. Vem aqui a sua preocupação quase obsessiva de evitar o escândalo<sup>316</sup>. Ia ao extremo de assim se exprimir na oração: «Por Ti sejam malditos os que, com o seu mau exemplo, confundem e destroem o que Tu edificaste por meio dos meus santos frades»<sup>317</sup>. Era este um dos motivos fundamentais de promover, de todas as maneiras, as boas relações dos seus irmãos com o clero, por mais pobrezinho ou menos exemplar que fosse. É que o escândalo dado ao clero, dizia ele, não agrada a Deus nem favorece o bem das almas»<sup>318</sup>.

Para S. Francisco, havia sobretudo dois pecados nos quais ressaltava, de modo particular, este efeito social: a heresia e a fornicção. Por isso muito embora detestasse todo e qualquer pecado, quando se apresentasse algum destes pecados ou deles falasse, dava a impressão de perder o tom maternal que predominava em tudo o que dizia ou fazia. Deste modo, a propósito da heresia, diz ele: «Se algum se desviar da fé e da vida católica, por palavras ou obras e não se emendar, seja irremediavelmente expulso da nossa Fraternidade»<sup>319</sup>. É ainda propriamente em relação com este pecado da heresia, que ele diz no *Testamento*: «Se alguns não rezarem o ofício segundo a Regra e o quiserem rezar de outra maneira ou não forem católicos, os outros irmãos, onde quer que isto acontecer, sejam obrigados, por obediência, achando algum destes, a levá-lo ao custódio mais vizinho onde o encontrarem. E o custódio, por obediência, o guarde bem, de dia e de noite, assim, como um homem em prisão, de sorte que não possa escapar de suas mãos, ele mesmo o vá apresentar ao seu Ministro. E o Ministro, por irmãos que de dia e de noite o guardem como homem em prisão, por obediência, o envie ao Senhor Ostiense que é senhor, protector e corrector de toda a Fraternidade»<sup>320</sup>.

<sup>314</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 7, o. c., p. 44.

<sup>315</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 3, o. c., p. 22.

<sup>316</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 16, n.º 23, o. c., p. 572.

<sup>317</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 116, n.º 156, o. c., p. 678.

<sup>318</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 107, n.º 146, o. c., p. 670.

<sup>319</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 19, o. c., p. 58.

<sup>320</sup> Idem, *Testamento*, o. c., p. 93.

Idêntica atitude tem com o pecado da fornicação e certamente, pelo mesmo motivo: «Se algum dos irmãos, por instigação do demônio, cair em fornicação, dispa-se-lhe o hábito da Ordem, de que se tornou indigno por seu feio pecado. E, deposto o hábito, seja expulso da nossa Religião. E depois vá fazer penitência dos seus pecados»<sup>321</sup>.

Francisco via certamente o efeito nocivo que estes dois pecados, mais que qualquer outro, tinham no seio da Igreja, da sua Fraternidade e até nos mesmos fiéis.

Era em ordem a repará-lo que ele dava importância à confissão dos pecados, confissão a fazer sempre que possível aos sacerdotes da Ordem: «Os meus irmãos benditos, clérigos e leigos, confessem os seus pecados aos sacerdotes da nossa Religião»<sup>322</sup>. Os próprios ministros, quando não fossem sacerdotes, deviam enviar os irmãos que pecassem e a eles recorressem a «sacerdotes da Ordem que lhes imponham a penitência, segundo Deus melhor lhes parecer»<sup>323</sup>. Era uma forma de reparar o efeito pernicioso do pecado no seio da Fraternidade onde ele possivelmente se evidenciara, sacramentalizando ali mesmo, em compensação, o intento e desejo de conversão. Ele próprio assim fazia, confessando em público os seus pecados. Assim o fez na Carta que escreveu aos irmãos reunidos em Capítulo: «Confesso todos os meus pecados a Deus Pai e Filho e Espírito Santo, à bemaventurada sempre Virgem Maria e a todos os Santos do céu e da terra e ao Ministro Geral desta nossa Religião, meu venerável senhor, e a todos os sacerdotes da nossa Ordem e a todos os outros meus benditos irmãos. Pequei por minha grave culpa, em muitas coisas, especialmente em não ter cumprido a Regra que prometi ao Senhor cumprir, em não recitar o Ofício como a Regra manda, por negligência ou por motivo da minha doença ou por ser ignorante e sem letras»<sup>324</sup>.

De resto, a norma de Francisco era sempre: «Nenhum irmão faça mal a outro ou de outro diga mal»<sup>325</sup>. Na mesma linha, ele manda: «Não se irritem nem perturbem por causa do pecado de algum, porque a ira e a perturbação prejudicam a caridade em si e nos

<sup>321</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 13, o. c., p. 52.

<sup>322</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 20, o. c., p. 58.

<sup>323</sup> Idem, *Segunda Regra*, cap. 7, o. c., p. 78.

<sup>324</sup> Idem, *Carta ao Capítulo Geral*, o. c., p. 113.

<sup>325</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 5, o. c., p. 43.

outros»<sup>326</sup>. São de evitar para Francisco sobretudo os pecados que atingem os outros: «Admoesto e exorto os irmãos que se guardem de toda a soberba, vanglória, inveja, avareza, cuidado e solicitude das coisas deste mundo, de dizer mal ou murmurar de alguém»<sup>327</sup>. É sempre a atenção ao aspecto social do pecado que o domina e preocupa.

Também aqui Francisco se move numa perspectiva muito própria da revelação. A dimensão social do pecado é constante na Bíblia. Até ao exílio, ela aparece quase como exclusiva<sup>328</sup>. No Novo Testamento, já fizemos notar que se fala frequentemente do pecado do mundo. É o aspecto social dos pecados que aparece como causa da condenação eterna (Mt. 25, 42). São terrificantes as palavras do Senhor: «Se alguém escandalizar um destes pequeninos que crêm em mim, seria preferível que lhe suspendessem em volta do pescoço uma mó de moinho, das movidas pelos jumentos, e o lançassem nas profundezas do mar» (Mt. 18, 6). É a perspectiva bíblica que Francisco apreendeu perfeitamente e que não pode escapar a nenhuma reflexão séria sobre o pecado, sobretudo hoje que o efeito de pecados de ambição, de prepotência atinge proporções tão gigantescas e devastadoras como são a bomba atômica e outras formas mundialmente aterradoras.

Vimos, pois, que o pecado para Francisco é qualquer coisa muito séria. Atinge a Deus, fere o coração de Cristo, desvasta o homem, projecta-o numa direcção de catástrofe, converte-o em fonte de degradação colectiva. É o que vimos nesta análise à dimensão teológica, cristológica, pessoal, escatológica e social do pecado.

Entretanto, não ficaria exacta a visão do pecado em Francisco, se não apontássemos uma perspectiva de sentido positivo que Ele conseguiu descobrir no pecado. Este homem, que amava sempre muito mais o positivo que o negativo das coisas, teve o condão de, até no pecado, encontrar um aspecto positivo. É o que passamos a analisar no capítulo seguinte.

<sup>326</sup> Idem, *Segunda Regra*, cap. 7, o. c., p. 78.

<sup>327</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 10, o. c., p. 80.

<sup>328</sup> R. Koch, o. c., p. 81.

## IV

## Presença salvadora de Deus na realidade do pecado

Francisco detestava o pecado. A primeira gravura do santo que possuímos mostra-o a chorar. Chorava o pecado. Era, quase pode dizer-se, a única coisa que o punha a chorar. Todavia, muito mais sensível ao positivo que ao negativo, ele foi capaz de descobrir, no meio da hediondez do pecado, qualquer coisa de positivo. Descobriu, no fundo dessa realidade tenebrosa, o próprio Deus, a sua dinâmica de salvação no intento constante de retirar o homem do seu pecado.

A perspectiva é profundamente bíblica<sup>329</sup>. Bastaria lembrar o Pai do filho pródigo e a sua espera incansável pelo filho até ao dia em que ele volta (Lc. 15, 20), o Bom Pastor que, perdida uma das suas ovelhas, deixa as noventa e nove e vai à procura da que se tresmalhara até a encontrar (Lc. 15, 4), a mulher que, depois de perder uma moeda, varre a casa, acende a candeia e procura a moeda até que a acha (Lc. 15, 8), o olhar terno de Jesus sobre Pedro, após tê-lo ele negado três vezes, à voz de uma criada (Lc. 22, 61), o nome de amigo dado ao traidor, no momento em que ele consumava o seu crime, num último esforço de salvação (Mt. 26, 50), o aguilhão, de que fala Paulo de Tarso, que o espicaçava e o fez abrir-se à graça (Act. 26, 14), o Espírito que Deus mandou aos nossos corações e não cessa de actuar com gemidos inenarráveis (Rom. 8, 26), etc. etc.

O pecado é assim, um grande desafio posto ao homem na linha do bem para o retirar do mal. É o sentido de Francisco quando via este mundo como um grande campo de batalha<sup>330</sup>, no qual o inimigo do Senhor é o pecado. Onde aparece o pecado, lá surge o Senhor, armado em cavaleiro, para combater esse monstro surgido na criação<sup>331</sup>. É numa tal perspectiva que a teologia vai falando hoje do pecado em termos de grito de salvação no interior do homem<sup>332</sup>.

Francisco via exactamente assim o pecado, nem conseguia separá-lo desta perspectiva. Via-o assim, em duas vertentes: em relação ao próprio pecador, caído nas tramas do pecado e em relação a todos os que se cruzam com ele nos caminhos da vida.

<sup>329</sup> Idem, o. c., p. 12.

<sup>330</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 124, n.º 165, o. c., p. 684.

<sup>331</sup> C. Koser, o. c., p. 117.

<sup>332</sup> P. Valori, *L'esperienza morale*, 2 ed., Brescia, 1976, p. 234.

1. — *Presença de Deus no pecado, em relação ao próprio pecador.* Francisco vê o Senhor presente no pecado, a partir do coração do homem pecador.

Sente que o Senhor está ali, a chamá-lo, primeiramente à misericórdia, a sair do pecado. Deus, para Francisco, é o Pai das misericórdias<sup>333</sup>. Nele está todo o perdão<sup>334</sup>. Ninguém, por grande pecador que seja, deixará de encontrar misericórdia<sup>335</sup>. Mandou o seu Filho ao mundo para redimir e salvar os pecadores<sup>336</sup>. Por isso, os irmãos deviam anunciar a penitência para o perdão dos pecadores<sup>337</sup>. Parece estarmos a ouvir João Paulo II em Fátima: «A redenção é sempre maior do que o pecado do homem e do que o pecado do mundo. A força da redenção supera infinitamente toda a espécie de mal que está no homem e no mundo»<sup>338</sup>.

No pecado, para Francisco, o Senhor está a chamar o pecador à humildade, lembrando-lhe que todos podemos ser ladrões dos tesouros de Deus<sup>339</sup>. Podemos todos «jejuar, orar, mortificar a própria carne. Mas há uma coisa que não podemos fazer sozinhos: ser fiéis ao Senhor»<sup>340</sup>.

O Senhor está junto do pecador, chamando-nos ao aborrecimento do pecado pois «ele é a única coisa que verdadeiramente se deve aborrecer, a única coisa que deve desgostar o servo de Deus»<sup>341</sup>.

No íntimo do pecador o Senhor chama-o a prestar uma atenção constante ao próprio coração, uma vez que «é do coração que procedem e vêm os maus pensamentos, os adultérios, as fornicções, os homicídios, os roubos, a avareza, a maldade, o embuste, a impudícia, os maus olhares, os falsos testemunhos, as blasfémias, a soberba, os desatinos»<sup>342</sup>. Por isso há que «guardar-se de todo o mal»<sup>343</sup>, não suceda que «nós que tudo abandonámos, por coisas de nenhum

<sup>333</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 134, n.º 177, o. c., p. 694.

<sup>334</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 23, o. c., p. 68.

<sup>335</sup> *Specchio di perfezione*, cap. 79, o. c., p. 1388.

<sup>336</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 23, o. c., p. 66.

<sup>337</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 12, n.º 29, o. c., p. 434.

<sup>338</sup> João Paulo II, *Homília em Fátima*, 13 de Maio de 1982, em *Discursos do Papa João Paulo II em Portugal*, Lisboa, 1982, p. 73.

<sup>339</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 65, n.º 99, o. c., p. 633.

<sup>340</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 97, n.º 134, o. c., p. 661.

<sup>341</sup> Francisco (S.), *Palavras de Exortação*, n.º 11, o. c., p. 26.

<sup>342</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 22, o. c., p. 61.

<sup>343</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 21, o. c., p. 60.

valor, percamos o Reino dos céus»<sup>344</sup>. Era o que o próprio Francisco não esquecia. Quando o louvavam pela sua virtude, respondia com toda a humildade: «ainda posso ter filhos e filhas»<sup>345</sup>.

Ali o Senhor está a chamar o pecador à vigilância constante, para evitar os perigos de pecar. O santo lembrava particularmente a ociosidade: «Todos os irmãos se ocupem arduamente em trabalhos honestos, pois está escrito: entretém-te sempre nalgum trabalho, para que o demónio te encontre ocupado»<sup>346</sup>. Manda ele aos irmãos: «Os irmãos, a quem o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem fiel e devotamente, de maneira que afugentem a ociosidade, inimiga da alma»<sup>347</sup>. No *Testamento*, antes de morrer, faz idêntica recomendação<sup>348</sup>. Vem aqui também a fuga dos ofícios que podem causar dano à alma<sup>349</sup>.

O Senhor está sempre junto do pecador, chamando-o ainda e estimulando-o à oração, como meio de não cair em pecado: «Vigiai e orai em todo o tempo, para alcançardes evitar todos os males que podem vir ao vosso encontro»<sup>350</sup>. Depois, citando o Evangelho, acrescenta: «Esta raça de demónios, com nenhuma outra coisa se pode expulsar senão com a oração e o jejum»<sup>351</sup>.

Um outro apelo que vem do Senhor e surge na alma do pecador vai no sentido de o levar à prática das virtudes que se opõem ao pecado. Diz o Santo Patriarca: «A santa sabedoria confunde Satanás com toda a malícia das suas tentações. A pura e santa simplicidade confunde toda a sabedoria deste mundo e a sabedoria da carne. A santa humildade confunde a soberba e todos os homens que são deste mundo e todas as coisas do mundo. A santa pobreza confunde toda a cobiça e avareza e cuidados deste mundo. A santa caridade confunde todas as tentações do demónio e da carne e todos os temores da carne. A santa obediência confunde todos os desejos e sentidos da carne e traz o corpo mortificado na sujeição ao espírito e na obediência ao irmão e faz o homem submisso a todos os homens deste

<sup>344</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 8, o. c., p. 46.

<sup>345</sup> T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 96, n.º 133, o. c., p. 661.

<sup>346</sup> Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 7, o. c., p. 45.

<sup>347</sup> Idem, *Segunda Regra*, cap. 5, o. c., p. 76.

<sup>348</sup> Idem, *Testamento*, o. c., p. 92.

<sup>349</sup> Idem, *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 7, o. c., p. 44.

<sup>350</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 22, o. c., p. 63.

<sup>351</sup> Idem, *Ibidem*, cap. 3, o. c., p. 39.

mundo»<sup>352</sup>. É na mesma linha que ele fala nas *Palavras de Exortação*: «Onde mora a paciência e a humildade, aí não há ira nem perturbação. Onde mora a pobreza e a alegria, aí não há cobiça nem avareza»<sup>353</sup>.

É toda uma série de apelos do Senhor que envolvem a realidade do pecado no pensamento de Francisco, em relação ao próprio pecador.

Mas, se o pecado interpela o pecador que sentiu ou bem sabe que pode sentir a tragédia do pecado que o invadiu ou pode invadir, ele interpela também fortemente todos aqueles que dão por esse irmãos caído nas garras do pecado.

2. — *Presença de Deus no pecado em relação aos pecadores.* É a outra vertente do apelo de Deus presente no pecado. O pecado converte-se assim num grito de aflição, dramático, a pedir salvação.

Porque é qualquer coisa de divino que emerge na realidade do homem pecador, ele aparece na Sagrada Escritura a ser escutado pelo próprio Deus. Ele ouve-o e não pode ficar insensível. Caim mata seu irmão Abel e logo se ouve o Senhor: «A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim» (Gén. 4, 10). O Faraó oprime o povo de Deus e logo «os seus clamores, do fundo da sua escravidão, subiram até Deus» (Ex. 2, 23). Foi esse grito que o fez mandar o Seu Filho feito homem para «salvar o povo dos seus pecados» (Mt. 1, 21), para «procurar o que estava perdido» (Lc. 19, 10), para «chamar os pecadores ao arrependimento» (Lc. 5, 32).

Francisco, cuja norma de vida era seguir as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo, não podia deixar de ser sensível a este aspecto do pecado. Viu-o de facto e quase pode dizer-se que constituiu o elemento central da sua vida.

Foi exactamente este aspecto que o marcou mais directamente. Por isso é que ele não aceitou entrar nos beneditinos e adoptar a sua forma de vida, resistindo a tantas pressões que lhe fizeram nesse sentido<sup>354</sup>. Pelo mesmo motivo, não quis ingressar em tantos outros institutos religiosos então existentes<sup>355</sup>. Os tempos tinham mudado. Os homens não vinham já ao mosteiro. A estrutura feudal estava em crise. Surgia então uma nova classe, a do comércio e do artesa-

<sup>352</sup> Idem, *Saudação das virtudes*, o. c., p. 137.

<sup>353</sup> Idem, *Palavras de Exortação*, n.º 27, o. c., p. 33.

<sup>354</sup> L. Casul, *La herencia de un grán corazón*, Barcelona, 1962, p. 130.

<sup>355</sup> A. Gemelli, *O Franciscanismo*, Petrópolis, 1944, p. 31.

nato, com maior mobilidade e crescente dinamismo. Era preciso ir ao encontro dos homens onde eles se encontrassem, nos novos contextos existenciais<sup>356</sup>. Era preciso um modo novo de viver, que imitasse a vida apostólica lançada por Jesus e pelos Doze<sup>357</sup>.

Por outro lado, esse mundo dos homens que era diferente, estava infestado fortemente pelo pecado, a começar pelos próprios homens da Igreja<sup>358</sup>. Eram cismas, heresias, escândalos de todo o género. Para isso concorreram sem dúvida as próprias cruzadas, com tantos vícios trazidos do Oriente. Depois, era a imoralidade, o luxo, a avareza. Os pastores, por seu lado, deixavam de anunciar o Evangelho e denunciar o mal. Numa carta ao Bispo de Assis, o Papa diz que os Prelados parecem cães mudos que não sabem ladrar. Nos mesmos meios eclesiásticos, era o luxo, a simonia, a imoralidade, a acumulação escandalosa de benefícios, a violação provocante do celibato, as igrejas abandonadas, tantas vezes convertidas em bacanais. Nos mosteiros, era descuidada a observância regular e a incontinência era notória. No meio social, havia os grandes latifundiários a contrastar com os imensos mendigos que pediam esmola às portas das igrejas, a começar pelo próprio centro de cristandade, etc., etc.<sup>359</sup>.

A Igreja quis pôr cobro a um tal estado de coisas. Há que situar neste contexto o célebre IV Concílio de Latrão, de 1215. Já dissemos que muito provavelmente lá esteve presente o próprio S. Francisco<sup>360</sup>. Em qualquer dos casos, acompanhou certamente com grande interesse o seu desenvolvimento e tentou captar o espírito desta reacção espiritual àquela situação. O pecado investia na vida dos homens. Ele sente o seu grito, a partir das suas vidas. Não fica quieto. Adopta como sinal dos seus, o célebre «Tau», com o qual passa a assinar os seus documentos. É a sua sigla. Assim o fez possivelmente porque a primeira palavra da bula promulgatória do Concílio de Inocência III começava com a letra «T»: «*Transitus*» num documento célebre que

<sup>356</sup> L. Iriarte, *o. c.*, p. 241.

<sup>357</sup> Iacobus Vitriacensis, *De beato Francisco eiusque societate testimonia*, em *Analekten zur Geschichte des Franciscus von Assisi*, Tübingen, 1961, p. 70.

<sup>358</sup> S. SPANO, *Italia Moyen âge et humanisme*, em *Dictionnaire de spiritualité*, vol. VII, p. 2 207.

<sup>359</sup> A. Hamman, *San Francesco d'Assisi, la Roma di Innocenzo III e i Frati Minori*, em *Vita Consacrata* 9 (1973), p. 705.

<sup>360</sup> A. Leon, *Saint François d'Assise et son oeuvre*, Paris, s. d., p. 26.

alertava a Cristandade para uma necessidade de reforma<sup>361</sup>. Deste modo, Francisco põe-se à frente da reforma, porque, mais que ninguém, sente o grito do pecado que sai do coração dos homens. Entusiasma-se com os Decretos reformatórios do Concílio de Latrão<sup>362</sup>. Bem o evidenciam tantas passagens dos seus Escritos, sobretudo da Regra<sup>363</sup>. Sente-se estimulado porque o próprio Papa Inocência III o empenhou nessa dinâmica conciliar de renovação e luta contra o pecado dos homens, encomendando-lhe expressamente a missão de pregar a penitência, depois de ter visto os efeitos prodigiosos da pregação de Francisco na linha do perdão e da reconciliação<sup>364</sup>.

Todavia há que ter presente que quem mais o sensibilizou para ouvir esse grito do pecado no coração dos homens, foi o próprio Senhor. Foi Ele quem o alertou quando, na oração diante do crucifixo de S. Damião, ele ouviu a voz de Jesus que lhe dizia: «Francisco repara a minha Igreja que ameaça ruína»<sup>365</sup>. Depois havia de ser a voz do Senhor na oração de Frei Masseu, Frei Filipe e Frei Silvestre em contemplação no Monte Subásio e da Irmã Clara, no seu mosteiro. Duvidava ele se devia entregar-se à contemplação ou ir directamente ao encontro dos pecadores, para os salvar do seu pecado. A resposta foi convergente e não deixou lugar a dúvidas: O Senhor não te chamou apenas para ti, mas para a salvação dos pecadores<sup>366</sup>. Foi tal o seu entusiasmo, ao ouvir aquela revelação do Senhor, que ele partiu dali e já nem se contentava com anunciar a salvação apenas aos homens, mas, quando os não encontrava, ia transmiti-la aos próprios animais irracionais. Deste modo, encontra a seguir um bando de avesinhas no bosque e põe-se a anunciar-lhes a salvação Deus<sup>367</sup>. Depois das avesinhas, seria o lobo de Gúbio<sup>368</sup>, etc.

<sup>361</sup> B. Cornet, *art. cit.*, p. 52.

<sup>362</sup> S. Piat, *Saint François d'Assisi a la découverte du Christ pauvre et crucifié*, Paris, 1968, p. 151.

<sup>363</sup> D. Flood, V. D. Willibrord, T. Matura, *La nascita di un carisma*, Milano, 1976, pp. 74 e ss.

<sup>364</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. XIII, n.º 33, *o. c.*, p. 438; R. de Nantes, *La première prédication franciscaine*, em *Etudes Franciscaines* 30 (1913), p. 374.

<sup>365</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 6, n.º 10, *o. c.*, p. 562.

<sup>366</sup> Boaventura (S.), *Leggenda Maggiore*, cap. 12, 2, *o. c.*, p. 937.

<sup>367</sup> T. Celano, *Vita Prima*, cap. 21, n.º 58, *o. c.*, p. 458.

<sup>368</sup> *I Fioretti di San Francesco*, cap. 21, *o. c.*, p. 1500.

Desde então, aí o temos a anunciar sem descanso a penitência<sup>369</sup>, num desejo vivo de gritar o evangelho da salvação do seu Senhor em toda a terra. Chegava a passar, no mesmo dia, por quatro ou cinco povoações, anunciando o Reino de Deus e edificando os ouvintes com a sua palavra e ainda mais com o seu exemplo. Todo o seu corpo se convertia em palavra<sup>370</sup>. Sentia que não era possível ser amigo de Cristo, se não amasse as almas que Cristo amava e por quem Ele se deixou crucificar<sup>371</sup>. Com razão, diz um cronista da época, ele ia assim purificando o ambiente do mundo do odor fétido dos vícios<sup>372</sup>. Ao mesmo tempo, ia repetindo aos irmãos que o mais importante é a salvação das almas<sup>373</sup>. Para isso, os mandou por todo o mundo anunciar a paz e a penitência para remissão dos pecados<sup>374</sup>. A ordem que levavam era que denunciasses os vícios e inculcasses as virtudes<sup>375</sup> e tentassem «conquistar para Deus as almas que o diabo queria arrebatá-lhe»<sup>376</sup>. No meio das dificuldades, tentava incutir-lhes esperança, dizendo: «há muitos que agora parecem membros do diabo, mas se converterão em discípulos de Cristo<sup>377</sup>. Os verdadeiros Frades Menores eram para ele os que fizessem o que fez Berardo e seus companheiros, em Marrocos, indo até ao extremo de morrer para anunciar o evangelho da salvação aos pecadores. De facto, quando soube que eles tinham morrido, ao serviço da salvação dos homens, exclamou: «Agora sim, tenho cinco verdadeiros frades menores!»<sup>378</sup>.

Ele mesmo ia e pregava sem descanso a salvação aos pecadores para os retirar do seu pecado. Temos um modelo da pregação simples que ele fazia, em tal sentido, no capítulo 21 da *Primeira Regra*<sup>379</sup>, na *Carta a todos os Cristãos*<sup>380</sup>, etc., etc. É neste contexto que temos

369 T. Celano, *Vita prima*, cap. 10, n.º 23, o. c., p. 429.

370 Idem, *Ibidem*, P. II, cap. 4, n.º 97, o. c., p. 489.

371 Idem, *Vita seconda*, cap. 131, n.º 172, o. c., p. 691.

372 Iacobus Vitriaciensis, o. c., p. 72.

373 T. Celano, *Vita Seconda*, cap. 131, n.º 172, o. c., p. 690.

374 Idem, *Vita prima*, cap. 12, n.º 29, o. c., p. 434.

375 Francisco (S.), *Segunda Regra*, cap. 9, o. c., p. 79.

376 T. Celano, *Vita prima*, cap. 14, n.º 35, o. c., p. 440.

377 *Leggenda dei tre Compagni*, cap. 14, n.º 58, o. c., p. 1109.

378 B. A. Bessa, *Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum*, em *Analecta Franciscana*, vol. III, Quaracchi, 1897, p. 593.

379 K. Esser, E. Grau, *Risposta all'amore*, vol. II, ed. 2, Milano, 1970, p. 159.

380 K. Esser, *Temi Spirituali*, o. c. p. 28.

de entender que Francisco fosse o primeiro entre todos os Fundadores de Ordens Religiosas a dedicar um capítulo da Regra e vida dos irmãos à pregação da penitência<sup>381</sup> e um outro à evangelização, para além fronteiras da Igreja, no meio dos «moiros e outros infieis»<sup>382</sup>.

Compreendeu-o perfeitamente a Igreja nos tempos do próprio Francisco ao compará-lo aos Apóstolos de Jesus<sup>383</sup>, e a Igreja do nosso tempo ao proclamá-lo, pela boca de Pio XI, padroeiro do grande movimento laical da Acção Católica<sup>384</sup>.

E tudo isto, a partir do clamor que Francisco sentiu levantar-se do pecado, clamor que é o ressoar do clamor e da dor de Deus presente em todo o pecado, num esforço de salvação dos homens.

## V

### Conclusão

A análise que acabámos de fazer ao pensamento de Francisco vem dizer-nos que o pecado não é uma realidade simples e fácil de entender. É o mistério da iniquidade. Para o entender há que parar e dar pelo peso do pecado na nossa própria história pessoal. É preciso ouvir depois a voz de Deus que nos fala na Sua revelação, na vida e magistério da Igreja, na experiência dos seus melhores filhos que são os santos e, sobretudo, há que dar tempo ao Espírito que, no nosso coração, tenta sempre descobrir-nos, desvelar-nos este mistério.

O pecado situa-se sempre num apropriar-se do que é de Deus: pessoas ou coisas. É um enfrentar-se com Deus. É o não do homem a Deus.

Não é uma fatalidade. O homem não está essencialmente corrompido. O pecado entra na vida humana, na história, só se o homem quiser.

381 R. de Nantes, *art. cit.*, p. 365.; Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 17 o. c., p. 55; Idem, *Segunda Regra*, cap. 9, o. c., p. 79.

382 T. Lombardi, o. c., p. 71; Francisco (S.), *Primeira Regra dos Frades Menores*, cap. 16, o. c., p. 53; Idem, *Segunda Regra*, cap. 12, o. c., p. 81.

383 Honório III, *Bula «Cum dilecti»* em *Bullarium Franciscanum*, vol. I, Roma 1759, p. 2.

384 Pio XI, *Enc. «Rite Expiatis»*, em *AAS* 18 (1926), p. 153.

Há, entretanto, forças que lhe abrem facilmente a porta, se não estivermos atentos. Uma está dentro do homem. É o seu egoísmo. A outra é o espírito do mal. É o mal que anda à volta de nós, muitas vezes corporizado em estruturas, ambientes, situações, que teremos de exorcizar.

O pecado não é a última palavra, nem podemos deixar que seja a última palavra. Basta o arrependimento. Está à nossa disposição o perdão de Deus. Temos mesmo um sacramento para isso. O sacramento da reconciliação.

É importante não deixar que ele seja a última palavra, porque, na sua essência, o pecado tem proporções de catástrofe, quando penetra na realidade histórica do homem. Põe-no em crise diante de Deus. Fá-lo um anticristo. Ameaça-o na sua própria estrutura humana e pessoal. Situa-o diante de um abismo, de um futuro sem luz, onde só reinam as trevas, onde acaba toda a esperança. Fá-lo um semeador de morte, de descreiação.

Finalmente, há que despertar as pessoas para o clamor de Deus presente na realidade do pecado, tentando tudo para salvar o pecador. É um grito que se ouve dentro do seu próprio coração para o levar a deixar o pecado ou a acautelar-se dele. É um grito também que não pode deixar de incomodar todos aqueles que dão pelo seu irmão caído ou envolto no pecado e reclama sempre uma mão estendida que abra, diante do homem perdido, as portas da salvação.

Nesta hora em que a Igreja se prepara para um sínodo providencial sobre a penitência e a reconciliação, Francisco pode ser um dos mestres a levá-la pela mão. Foi este o desejo que nos levou a fazer um semelhante estudo e reflexão.

**ANTÓNIO MONTEIRO, O. F. M. CAP.**

Professor do I. C. H. T.

## Pombal e o Iluminismo

### Introdução

Falar sobre a figura do Marquês de Pombal constitui ainda hoje para o historiador, dois séculos após o seu falecimento, uma tarefa difícil. A gama de problemas que enfrentou, a energia e mesmo a violência que pôs na sua solução, tornaram-no, desde logo, uma figura polémica. Por isso, mesmo depois de todo o labor da historiografia científica e extra-oficial restam ainda muitas questões cuja solução não é pacífica.

A situação económica herdada de D. João V, as medidas económicas, financeiras e fiscais que tomou, a crise do ouro do Brasil, a política das companhias monopolistas e, no geral, a evolução da conjuntura, tudo isto é mais ou menos conhecido e não põe especiais problemas de interpretação. Porém, já o mesmo não se pode dizer no que respeita às relações de Pombal com a nobreza ou ao seu comportamento em relação aos Jesuítas. Foi, sobretudo, a partir daqui que se gerou a controvérsia.

Contudo, a dois séculos de distância, o historiador dispõe já de perspectiva suficiente para enquadrar a acção pombalina no movimento das ideias do seu tempo.

Ora Pombal é um homem do século das luzes e a sua acção governativa, inspirada na filosofia política do Iluminismo, desenvolve-se na última fase da evolução do Absolutismo — o despotismo esclarecido. A par da filosofia política do Iluminismo (regalismo) há outro movimento de ideias que vigorou em Portugal e que explica muito da acção governativa do Marquês. Trata-se do jansenismo. Regalismo e Jansenismo: dois movimentos, duas doutrinas que não se podem confundir quanto à génese e quanto à natureza mas que coexistiram historicamente em aliança estreita.

O regalismo, como concepção e prática de política religiosa, não é exclusivo da época pombalina nem sequer de Portugal; faz parte de quase toda a nossa história e afirmou-se também em alguns países europeus embora com designações diferentes. Quer se chame galica-